



**CAMINHAR,
perceber
PARAR,
*experienciar:***

as feiras dentro da Feira de Arapiraca - AL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO –
DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO

CAMILA GONZAGA DE OLIVEIRA

**Caminhar, perceber, parar, experienciar:
as feiras dentro da Feira de Arapiraca - AL.**

Maceió
2023

CAMILA GONZAGA DE OLIVEIRA

**Caminhar, perceber, parar, experienciar:
as feiras dentro da Feira de Arapiraca - AL.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Dinâmicas do Espaço Habitado – da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para obtenção do grau de Mestra em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a.
Juliana Michaello Macêdo Dias

Maceió
2023

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

O48c Oliveira, Camila Gonzaga de.
Caminhar, perceber, parar, experienciar : as feiras dentro da Feira de Arapiraca
- AL / Camila Gonzaga de Oliveira. – 2023.
111 f. : il. color.

Orientadora: Juliana Michaello Macêdo Dias.
Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de
Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 109-111.

1. Feiras livres - Arapiraca (AL). 2. Experiências urbanas. 3. Corpos. I.
Título.

CDU: 72:339.177(813.5)

*O cheiro-verde do coentro fresquinho e
ainda molhado de orvalho,
o cheiro forte do fumo,
o cheiro azedo da massa puba,
todos os cheiros e fedores da feira,
o desarrumar das cargas para arrumar as
bancas,
um caos buscando organizar-se.
Era como música.*

Hermeto Pascoal¹

¹ Poema declamado em entrevista concedida no ano de 2012, disponível em <<https://www.cadaminuto.com.br/noticia/338887/2019/05/12/feira-livre-deu-origem-ao-desenvolvimento-de-arapiraca>>, acesso em 03 de janeiro de 2020.

AGRADECIMENTOS

A construção desse trabalho foi uma das mais árduas dessa vida. Ser pesquisador num país que, em 2020, era liderado pelo pior presidente de toda a história do Brasil, fez com que uma coleção de frustrações se agigantasse dentro de mim. Foi difícil e eu pensei inúmeras vezes em desistir. Foi dentro do período de pandemia que eu mergulhei em muito medo, em grandes receios e numa angústia sem fim. Mas, eu tive ao meu lado pessoas de um coração tão bonito, que sempre acreditaram tanto no tanto que sou capaz, que não poderia deixar de agradecê-las e nem por um instante poderia esquecê-las nesse momento. À Ju, minha orientadora desde 2011, uma grande parceira e a dona de um dos corações mais lindos, humanos e sensíveis desse mundo, serei eternamente grata. Poucas pessoas, e mais ainda, pouquíssimos professores são tão humanos e parceiros quanto você. Obrigada, obrigada, obrigada. À Mavi, colega de turma e grande incentivadora, obrigada por ter me dito tantas vezes que não valia a pena desistir. À doutora Juci, minha amiga, irmã, comadre e parceira da vida: obrigada por acreditar tanto, por me colocar para cima e não me deixar cair. Como diria Guimarães Rosa: A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.

RESUMO

Este trabalho tratará da feira como espaço de percepção tendo, enquanto objetivo principal, a identificação da espacialidade da feira através da experiência. Busco perseguir a experiência da feira, acompanhar alguns modos de se fazer a feira de Arapiraca, que se expressam na experiência cotidiana, em suas gambiarras e maneiras habituais de organização, vivência e criação da espacialidade deste lugar. Procuro encontrar-me com singularidades desse espaço híbrido, vivo, pulsante, que propiciem visibilidade para processos que constituem diferentes dimensões da cidade e ressoam na relação entre esta e a feira. Ao longo da investigação ficou evidente que a feira solicita ações moventes, que dancem e se adequem ao provisório – seu caráter mais íntimo. Por outro lado, a feira necessita de ações de estruturação de sua espacialidade que sejam menos fixas, o oposto do que acontece em reordenamentos, movimentos de organização e mudanças trazidas pelo poder público municipal. Que feira é essa que não dá para enxergar de cima, se utilizando das ferramentas utilizadas até hoje para pensar a cidade? De cima, como quem observa um mapa, não se enxerga a feira. De cima, numa posição hierárquica, também não se enxerga a feira. Porque olhar, então, de baixo, e conhecer a feira com f minúsculo? Objetivo, com este trabalho, perseguir essas feiras de baixo, de dentro, da altura do pé no chão. Para tanto, me ancoro no percurso pela feira: tanto o percurso do percorrer, do caminhar na feira hoje, quanto o percorrer das memórias que me atravessam, atravessam minha família, atravessam os poemas de Hermeto Pascoal e as falas dos feirantes. Por fim, estruturo uma reflexão sobre o que a feira pode nos fazer aprender sobre os espaços habitados e suas dinâmicas de reconhecimento, apropriação e suas temporalidades.

Palavras-chave: feira, experiência urbana, corpo, Arapiraca-AL.

ABSTRACT

This paper will deal with the fair as a space of perception of sensitive knowledge and has, as its main objective, the identification of the spatiality of the fair through experience. I seek to pursue the experience of the fair, to follow some ways of doing the Arapiraca fair, which express themselves in the daily experience, in their gambiarras and habitual ways of organizing, living and creating the spatiality of this place. I try to find singularities of this hybrid, alive, pulsating space that provide visibility to processes that constitute different dimensions of the city and resonate in the relationship between it and the street market. The fair requests moving actions, that dance and adapt to the provisional - its most intimate character. The fair needs less fixed actions, the opposite of what happens in reordering, organizing movements and changes brought by the municipal public power. What is this fair that it is not possible to see from above, using the tools that are used today to think the city? From above, like someone looking at a map, the fair cannot be seen. From above, in a hierarchical position, you can't see the fair either. Why look, then, from below, and get to know the fair with a tiny f? With this work, I aim to pursue these fairs from below, from inside, from the height of my feet on the ground. To do so, I anchor myself in the journey through the fair: both the journey of traveling, of walking through the fair today, and the journey of the memories that go through me, through my family, through Hermeto Pascoal's poems and the market vendors' speeches.

Keywords: fair, urban experience, body, Arapiraca.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: vendedora de frutas usando máscara.....	29
Fotografia 2: Bancas com verduras e raízes na Feira de Arapiraca.....	31
Fotografia 3: Cotidiano da feira.....	32
Fotografia 4: Cotidiano da feira.....	33
Fotografia 5: Cotidiano da feira.....	34
Fotografia 6: Ação da Prefeitura para notificar boxes fechados dentro do Mercado Público, em fevereiro de 2021.....	51
Fotografia 7: Placa de mudança na permissão de fluxo de veículos às segundas-feiras.....	59
Fotografia 8: Placa de mudança na permissão de fluxo de veículos às segundas-feiras.....	60
Fotografia 9: Cotidiano da feira.....	62
Fotografia 10: Cotidiano da feira.....	63
Fotografia 11: Cotidiano da feira.....	64
Fotografia 12: Cotidiano da feira.....	65
Fotografia 13: Cotidiano da feira.....	66
Fotografia 14: Cotidiano da feira.....	67

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Cidades de Arapiraca, Junqueiro e São Sebastião localizadas dentro do estado de Alagoas.....	21
Mapa 2: Localização da cidade de Arapiraca no estado de Alagoas.....	42
Mapa 3: Região onde se localizava a Feira de Arapiraca até o ano de 2001.....	46
Mapa 4: Regiões nas quais se localizava a Feira de Arapiraca até o ano de 2001 e sua localização atual.....	49
Mapa 5: Região na qual se localiza a feira de Arapiraca desde o ano de 2002 até os dias atuais.....	56
Mapa 5: Sobreposição de manchas que representam a dimensão da feira até o ano de 2001 e após sua remoção e reinserção, até os dias atuais.....	57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 EU, ELA, NÓS DE NÓS	22
1.1 Eu.....	25
1.2 Ela	34
1.3. Nós de nós: o feirante, o freguês e o passante.....	42
2 AS FEIRAS DENTRO DA FEIRA	50
2.1 Falando de Feira	70
2.2 Sentidos aflorados: a feira fala, exala e mostra	88
3 DA ALTURA DO PÉ NO CHÃO: A FEIRA VISTA DE BAIXO .. Erro! Indicador não definido.	
CONCLUSÕES	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS.....	111



INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Estou na feira de Arapiraca: pessoas gritam, andam por todos os lados apressadas ou vagarosas, comem, negociam coisas, conversam, riem. Sons, cores e cheiros se alastram pelas ruas bastante povoadas. Corpos se misturam em meio aos corredores estreitos que lembram um labirinto. Mil e uma conversas acontecem entre os corredores da feira, sempre de modo aberto, quase sempre deixando espaço para que outras pessoas entrem e participem. A feira é um espaço sonoro. A memória se materializa no corpo do feirante e não busca um passado encerrado: ela o coloca em cena, no presente. As filas de barracas são descontínuas, tortuosas, mas não há variação considerável de uma semana para a outra. Há uma organização mantida, com já estabelecidas e conhecidas gambiarras, que se animam por todos os lados da feira, a partir de invenções e improvisos que dão um tom quase caótico ao espaço. As bancas amarram-se de tal forma que é preciso fazer alguns desvios durante a andança para não se chocar com eles. É impossível andar pela feira sem se abaixar, fazer curvas e parar constantemente. O corpo dança na feira. Para, espera, segue. Abaixa, levanta, olha pro chão, olha para a frente. Salta uma poça, sobe uma calçada. (Diário de bordo da autora, 2021).

A cidade deixa de ser cenário² a partir do momento em que ela é vivida. Como afirmam Jacques e Jeudy na Introdução do livro *Corpos e cenários urbanos* (2006),

A experiência corporal da cidade é o exato oposto da imagem urbana fixada por um logotipo publicitário. Pois uma experiência corporal singular não se deixaria reduzir a uma simples imagem de marca. Essa experiência da cidade feita pelo cidadão lhe dá um corpo, às vezes imaginário, um outro corpo “urbano” que se move de maneira enigmática conforme a superabundância dos cenários (p. 9).

A feira constitui um lugar de afetos e singularidades, mas também um território político, na qual estão presentes três importantes figuras: o feirante, o freguês e o passageiro. Eu, enquanto neta e filha de feirantes, já estive nestas três posições e através delas construí as reflexões que ancoram esta dissertação, que interpreta as espacialidades da Feira de Arapiraca, em Alagoas a partir do caminhar, perceber e parar – experimentar.

² Neste trabalho a compreensão da cidade enquanto cenário é colocada em xeque desde o seu início. Compreendida enquanto efeito da espetacularização urbana, tal compreensão é problematizada em inúmeras reflexões sobre a cidade contemporânea, que opõem à esta cidade-cenário a cidade-vivida.

As temporalidades que permeiam a Feira de Arapiraca revalidam um modo de expressão consolidado pela historicidade da feira no lugar. Em meados do século XX a cidade se firmava como capital do fumo no Brasil, o que perdurou até meados de 1970, quando do declínio da cultura fumageira. Impregnando a ambiência da feira, como um traço da identidade cultural local até os dias atuais, o fumo foi um dos impulsionadores do crescimento da feira.

A cidade de Arapiraca obteve sua autonomia no ano de 1938. Os moradores de Arapiraca apelidaram-na de "capital brasileira do fumo", por abrigar a maior área contínua de plantação de fumo do mundo. Devido a isso, a região atraía visitantes de outras partes do Brasil e do exterior, curiosos em conhecer as tecnologias de plantio e cultivo de fumo ali desenvolvidas. Essa vocação fez de Arapiraca o segundo maior município de Alagoas, em termos econômicos, posição que se mantém até os dias atuais, com o comércio e a indústria como principais molas propulsoras de um desenvolvimento econômico que começou com o fumo. Além do fumo e do comércio, a indústria e a pecuária são dois outros ingredientes econômicos de peso.

Nesta confluência das atividades econômicas da cidade, sua feira livre se constitui como espacialidade de permeio entre o urbano e o rural, o moderno e a tradição, como será demonstrado ao longo desta dissertação.

Trazendo o olhar para a construção deste trabalho, desejo iniciar por seu título. Caminhar, perceber, parar, experienciar: os verbos não estão no infinitivo à toa. É a ideia de infinitude que eu desejo passar: não é a caminhada, é o caminhar. Sem início ou fim, sem demarcações, delimitações. É o movimento que, com os verbos, não determina quando ou onde. Em certa medida essa indefinição de por onde começa este trabalho e sua conseqüente interrupção como fim artificial, são conseqüências dessa postura metodológica.

Caminhar representa meu mergulho dentro do espaço da feira. À medida em que caminho, entro, saio, canso, suo, estou imersa dentro do espaço e o observo de dentro. Percebo, faço pausas. Olho para trás, retorno, recomeço a rota. Perceber e parar estão intrinsecamente ligados. Considero que a cada nova percepção, ainda que caminhando, paro o pensamento e registro, ainda que em minhas memórias, aquele novo traço percebido. Experienciar, ao que sinto, contempla os outros verbos e vai além: contempla o sentir, o vibrar, o arrepiar, calar, desviar. A experiência, passo a passo, norteia o meu caminhar, observar, sentir, parar, buscar, retornar, sorrir ou relutar. Os verbos também marcam uma postura acadêmica de marcar uma outra

posição. Usualmente os trabalhos acadêmicos utilizam o infinitivo para destacar os seus objetivos, com verbos que parecem denotar conclusões que se pretendem (semi)definitivas, como analisar, problematizar, inferir. Neste trabalho pretendo interpretar e aprender com a Feira e suas feiras.

A segunda parte do título deste trabalho também tem seus porquês: é escrita, propositalmente, com a palavra feira em dois formatos: feiras e Feira. Ao longo do texto, será possível visualizá-las em trechos distantes ou até mesmo compartilhando um parágrafo. De maneira geral, no primeiro capítulo - intitulado **Eu, ela, nós de nós** - a palavra feira é escrita sempre com inicial minúscula, considerando uma intimidade, uma relação de parentesco, onde não cabem formalidades. Essa é a feira que conheço, vivi e vivo, sinto e percebo. No segundo capítulo - intitulado **As feiras dentro da Feira** - transito entre Feira com inicial maiúscula, considerando sua História oficial, sua construção e relatos do poder público e de historiadores sobre a mesma e uso também a palavra feira, com inicial minúscula, para voltar à intimidade com a qual a trato, através das figuras do feirante, do freguês e do passante.

Devo explicar também a repetição da palavra feira ao longo deste trabalho. Tendo em vista a sua unicidade - não há nada que diga feira como a palavra feira - o substantivo aparece com grande frequência. Seu significado usual, como destaca o Tesouro da Cultura Popular do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular³, é o de *“lugar público onde se realiza atividade de exposição e venda, de caráter periódico, com instalações provisórias e removíveis”*. Entretanto tal descrição me parece insuficiente. A feira pode ser vista como uma expressão cultural, mas é também feita dos ofícios. Pode ser lida como uma festa, também como espaço de negócios e, ao mesmo tempo, é tudo isso. E é mais que isso. A única palavra capaz de traduzir feira é feira.

À medida em que escrevo esse trabalho, mergulho em pausas. Vou e volto em lembranças. Falo com minha mãe sobre o trecho no qual estou debruçada, ouço mais histórias, me permito mais memórias. Talvez essa inconstância se apresente com muita frequência dentro das linhas pelas quais construo este texto. Trago os bastidores desta construção à luz. É um trabalho feito por (e de) mim, ainda que não seja *sobre* mim. É um registro da história da minha família que vai sendo contado a cada linha que escrevo. Sou neta, sou filha e sou sobrinha de feirantes. Sou alguém

³ Disponível em <http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00000280.htm>, acessado em maio de 2022.

que viveu a feira desde a infância, que trabalhou na feira na adolescência, que comprou na feira ao longo de toda a vida e que, agora, escreve sobre ela em sua dissertação. São diversos lugares a partir dos quais vejo e vivo feira, e, consciente disto, escrevo esta dissertação em primeira pessoa, atenta aos riscos dessa opção e aberta à ideia de que os saberes se situam sempre em nós.

Acredito que o leitor precisa caminhar junto comigo, através de meus relatos, sensações e experiências, para que possa perceber - ainda que em intensidade diferente - as feiras que se fazem dentro da Feira de Arapiraca-AL, que existe há mais de 100 anos e que já passou por diversas mudanças e ajustes. Adoto, neste trabalho, uma abordagem metodológica que se utiliza da primeira pessoa do singular para explicar, testar ou exemplificar o que o meu corpo sente, percebe, experiencia, observa, analisa e reflete. Trazer esse *eu* para a construção deste trabalho possibilita que o corpo, nesta construção, seja usado para oferecer uma validação do que é abordado. Aqui, a aplicação do sujeito é parte da construção do trabalho e da maneira através da qual se deseja que ele seja percebido por quem lê. O *eu* sedimenta a experiência que também é coletiva, trazendo uma leitura mais próxima do espaço que meu corpo percorre.

O primeiro capítulo deste trabalho trará relatos e percepções da minha experiência corporal pela feira, memórias da relação que construímos desde a minha infância, experiências e observações enquanto compradora, passante e também enquanto neta, filha, sobrinha de feirantes. O título traz a palavra nós enquanto primeira pessoa do plural e também enquanto substantivo que designa encontro, amarração, entrelace. Existem nós que não podem ser desfeitos, tal qual a feira dentro de mim: em minhas lembranças, no meu dia a dia e nas minhas percepções da cidade. Desdobro também uma reflexão sobre as memórias individuais e coletivas, vividas e narradas e como estas se entrelaçam para tratar de uma outra compreensão das temporalidades da feira.

O segundo capítulo tratará da Feira e de sua história oficial como pano de fundo para a feira do dia a dia, das gambiarras e acordos internos. Trará sua história dentro de uma cidade como Arapiraca, em crescente desenvolvimento econômico - o que implicou, em 2001, na remoção e reinserção da feira em outro bairro da cidade e em sua conseqüente diminuição. Ainda que isto tenha ocorrido há cerca de 20 anos, os impactos são percebidos até os dias atuais, e novos impactos vêm surgindo, através de reordenamentos, ajustes e “organizações” advindas do poder público,

interferências estas que, em diversos momentos, não consideram a cotidianidade e a vivência de quem faz a feira acontecer. Existem feiras que vão além da Feira que está nos mapas oficiais, que é regrada e gerida pelo poder público municipal. Existem estratégias, acordos, dinâmicas e toda uma lógica que só é possível ser conhecida através de uma experiência corporal do espaço. Há consensos, leis e regras da própria feira para consigo. Essa feira vai além do que é falado nas matérias de sites jornalísticos, no site da Prefeitura Municipal, nos livros e revistas. A Feira dos mapas oficiais, base para ações da Prefeitura Municipal de Arapiraca, difere da feira que é vivida, com todos os seus enfrentamentos e persistências.

Neste ponto, acredito ser relevante falar da importância dos mapas convencionais na construção da jornada que implica neste trabalho. Foi, também, através dos mapas que re-conheci a feira de Arapiraca após tantos anos sem visitá-la. Através do mapa do centro da cidade, consegui delinear as ruas pelas quais esta feira se estendeu ao longo dos anos, até que ocorresse sua remoção e reinserção em outra área. Com a ajuda de familiares, consegui entender a extensão dessa feira e construir minhas análises, divagar em minhas considerações e traçar os caminhos para esta dissertação. É através do mapa, em seu modo tradicional, que rabisco os caminhos que faço ao visitar a feira. O mapa não é suficiente, considerando que a experiência, o meu corpo no espaço e a minha vivência de pé no chão constroem grande parte do que trago aqui, mas, não trazer à tona sua importância, como ponto de partida para muito do que vem sendo construído, seria injusto.

A questão central do viver a feira está na experiência ou prática urbana ordinária, diretamente relacionada com a questão do cotidiano. Michel de Certeau, em seu livro *A Invenção do Cotidiano* (1996), nos fala daqueles que experimentam a cidade, que a vivenciam de dentro, ou “embaixo” como ele diz, se referindo ao contrário da visão aérea, do alto, dos urbanistas através dos mapas. Ele os chama de praticantes ordinários das cidades. De Certeau nos mostra que há um conhecimento espacial próprio desses praticantes, ou uma forma de apreensão, que ele relaciona com um saber subjetivo, lúdico, amoroso. O autor nos fala de uma cegueira que seria exatamente o que garante um outro conhecimento do espaço e da cidade. O estado de espírito errante pode ser cego, já que imagens e representações visuais não são mais prioritárias para essa experiência cotidiana. A imagem espetacular, ou o cenário, por outro lado, só necessita do olhar.

Esse olhar afastado parece ser um dos elementos que fazem escapar das ações de planejamento, reordenação, reestruturação e demais termos utilizados para atuar nos espaços de Feira, a feira. Escapam às dinâmicas de organização e ordenamento da gestão municipal as precariedades do espaço físico, as estratégias para mínima higiene, os arranjos para salvar produtos quando o clima muda. Escapa das ações de melhoria, a melhoria. A feira vivenciada é rica de necessidades, dinâmicas e de uma espacialidade que só se pode conhecer lá estando. Neste capítulo apresento então a história oficial, a varredura de notícias sobre a feira que venho colecionando há anos, inclusive no ano de 2020, em relação à pandemia. Acredito que seja interessante falar sobre proximidades e distâncias, impasses que a pandemia trouxe à pesquisa, sobre como foi estranho não poder ir à feira, não poder tocar as frutas quando fui, desviar das pessoas, evitar áreas, não andar mais tão livre quanto outrora.

O último capítulo fecha o trabalho fazendo uma reflexão sobre como a multiplicidade de expressões e vivências na feira livre nos força a pensar a questão de como se criam espaços públicos nas malhas das cidades contemporâneas e como só é possível vivenciar um espaço público efetivo quando a cidade é tomada em sua força, sua expressão, que pouco tem a ver com as práticas de interferências e ordenamentos impostos que são frequentes nos planos urbanos. O capítulo tratará ainda da experiência de pesquisa e de como ela me levou ao encontro de modos de relação com o espaço e entre os próprios atores desse espaço de feira, que indicam uma potência enorme da apropriação e construção do urbano pelos seus usuários. Tratará também das lacunas que percebi em minha formação e atuação enquanto arquiteta e urbanista para lidar com espacialidades fluidas e moventes como a feira, tanto em sua historicidade e conseqüente relação com os discursos patrimoniais, quanto em sua necessidade de movimento e rearranjo, avessa às práticas tradicionais de fixação e permanência expressas no campo da arquitetura desde o *firmitas* de Vitruvius.

O trabalho tem como objetivo principal a aproximação e interpretação da espacialidade da feira através da experiência, mas não apenas no intuito de pensar a própria feira, mas sim de pensar o quanto essa experiência incorporada pode abrir espaço para refletir sobre a cidade e suas práticas cotidianas, para além do que aparece nos mapas oficiais.

Entre os procedimentos metodológicos que se desenharam em meio à experiência, além da pesquisa bibliográfica, utilizei a observação participante em minhas errâncias, fazendo constantes anotações em diário de campo de conversas informais com fregueses, feirantes e passantes - que ao longo do trabalho aparecerão entrelaçadas às análises. Através de uma varredura de registros da memória oficial, que contam com matérias jornalísticas, citações em livros, fotografias e dados da Prefeitura, busquei acessar a história da Feira a partir do que é oficial sobre ela. Ruas pelas quais ela se desdobrava, quantidade de feirantes e de passantes na cidade de Arapiraca em dias de feira, entre outros tantos dados que os mapas, as fotografias e os livros possam me trazer. Contarei, também, com a minha memória e vivência pessoal, alguém que experienciou dias de feira do lado de quem vende na banca; com a minha experiência enquanto freguesa, alguém que desde a adolescência frequenta a feira do bairro e faz compras semanais para a família e com a minha experiência enquanto passante, pesquisadora, alguém que tem ido à feira para observar, em busca de perceber as feiras que existem dentro da Feira.

1. Eu,
Ela,
nós de
nós.



FEIRA - ARAPIRACA

1 EU, ELA, NÓS DE NÓS

Ainda que, aos meus 10 ou 12 anos, as fotografias já fossem coloridas, olhar para a foto que apresento ao adentrar este capítulo é como estar em casa. Era assim que eu percebia meu caminhar pela feira: por entre um mar de barracas, infinito, de perder de vista. Aqui não sou a outra. Sou eu. Sou sujeito. Interrompo, me aproprio e transformo a história (Diário de bordo da autora, 2021).

Para falar dessa imersão na temporalidade da feira, começo destacando que essa dissertação foi desenvolvida entre os anos de 2020 e 2023, tendo iniciado justamente quando foi decretada pela OMS a pandemia da Covid-19 e finalizada no mês em que a emergência global foi retirada pela mesma organização. Tal fato foi crucial no modo como se estabeleceu na dissertação inclusive o papel de minhas memórias pessoais e da minha família como ponte de acesso ao tempo estendido da feira. Meu diário da pandemia começou a ser construído dentro de uma disciplina do próprio PPGAU, Cidade e suas Representações, ministrada pela minha orientadora. Quase que diariamente, eu escrevia sobre mim, sobre angústias - era impossível desassociá-las naquele momento - e sobre a feira. Diversas memórias da feira alimentavam minhas anotações, principalmente considerando a impossibilidade de estar nela.

Meus percursos na feira sempre se desenharam a partir do momento de minha chegada. Não havia planejamento prévio da rota a ser seguida. Durante as andanças nesse lugar praticado (CERTEAU, 2008), a minha relação de proximidade com o espaço foi um elemento que esteve extremamente presente. Encontrei caminhos muitos conhecidos nas incursões que fiz, encontrei rostos familiares entre feirantes e passantes, me encontrei com minhas memórias e experiências já vividas, com as quais aconteciam muitas conversações em minha própria mente.

Percebo que em minhas andanças existia certa proximidade entre o pesquisador e a feira, e isso poderia ter se colocado como um impasse ético que problematiza e impulsiona, simultaneamente, o processo de pesquisa. O exercício de distanciar-me foi necessário, mas não remetia a um distanciamento supostamente neutro do pesquisador em relação ao campo de pesquisa. Em vez de uma tentativa de neutralidade, esse distanciamento funcionou como uma atividade que possibilitou

a construção de olhar o outro, capaz de estranhar o cotidiano e suas relações, às vezes invisíveis à nossa familiaridade perceptiva.

Foi esse distanciamento que me permitiu estranhar o campo, perceber outros matizes e movimentos, sentir as pequenas variações do universo da feira. Como coloca Canevacci (1997), as pesquisas etnográficas urbanas precisam se instalar na ambiguidade de uma máxima distância e uma máxima internidade. “*É preciso estar dentro e fora do espaço urbano: saltar na cidade*” (CANEVACCI, 1997). Trata-se de um olhar de perto e de dentro que opera as passagens para um olhar distanciado (MAGNANI, 2002), necessário para uma apreensão mais ampla da cidade. A própria relação com o espaço urbano, os investimentos de desejo, a construção de uma ética nos encontros com a feira e suas multidões, bem como as implicações políticas do pesquisador, passam pelos agenciamentos urbanos que compõem a experiência e os modos de apreensão decorrentes.

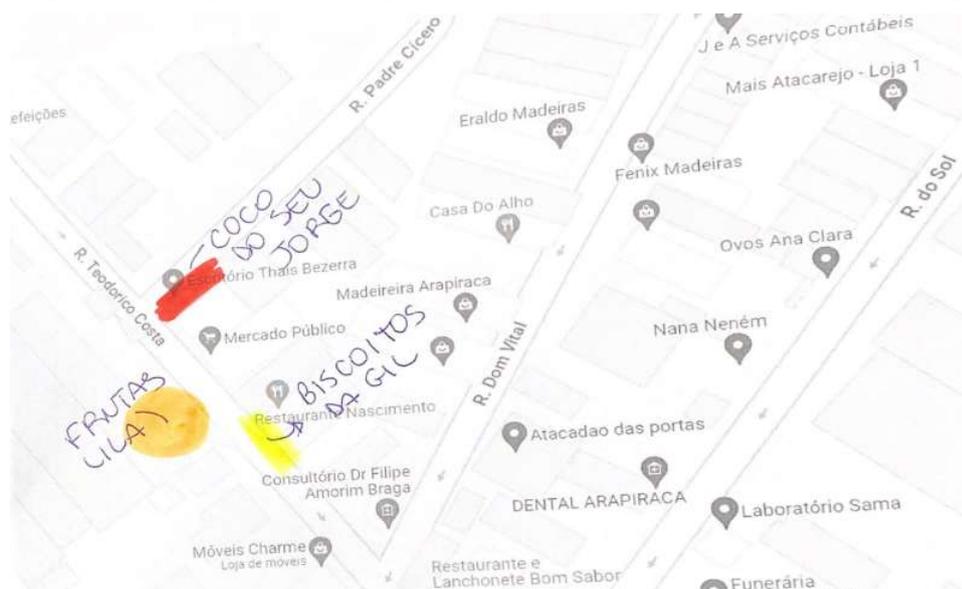
Durante esse processo de pesquisa diversos impasses e problemas foram se colocando e forjando a criação de estratégias que possibilitaram uma aproximação experiencial com os planos da feira. O trabalho que se fez necessário acompanhou os ritmos e variações do universo pesquisado e, por isso, em todos os aspectos do processo, particularmente na escrita, a experiência de campo, ainda que limitada, durante o processo de escrita deste trabalho contido em um cenário de pandemia, aparece com intensidade, tendo em vista a relação construída desde a infância com a espacialidade de feira. Partindo das impressões e marcas gravadas no corpo – por meio do campo que se cria coletivamente durante uma pesquisa – os conceitos foram se aproximando e interferindo no processo, sendo inversamente também afetados por ele. Por esse motivo, as interpretações que faço através das referências agenciadas não se dão *a priori* da experiência, mas em contato com ela. “*Os conceitos devem render-se às realidades e não o inverso*” (GUATTARI, 1988).

Desta perspectiva, que se direciona para uma cumplicidade com as realidades que se apresentam, alguns problemas em relação ao rigor da pesquisa começaram a se dispor: o que é um trabalho de pesquisa rigoroso? Até que ponto é possível pensar em rigor numa pesquisa em ciências humanas? Essas perguntas me trouxeram incômodos variados e me forçaram a pensar a questão do rigor, incitando a invenção de uma prática implicada. O rigor que opera por aqui é o rigor da experiência, que só pode vir a se exprimir quando há o mínimo de suspensão em relação às conceituações e hipóteses pré-existentes ao contato com o campo de pesquisa. Tal

rigor não é facilmente colocado em ação, e também não se refere a uma atividade de campo supostamente pura, descolada de todos os processos de subjetivação que entraram em composição anteriormente à pesquisa. Suspender as conjecturas precedentes – que podem impedir a captação de um movimento novo e inusitado – seria um exercício impossível, pois o eu pesquisador não escapa ao eu que já viveu uma série de experiências com a feira, com os livros, com seus pares.

Durante a pesquisa de campo circunscrita no desenvolvimento da dissertação em inúmeras idas focadas a campo⁴, três espaços se constituíram como os principais pontos de parada na feira: a banca de tapioca de Dona Lila, a banca de frutas, verduras e biscoitos da Gilvânia e sua filha Mary e o carrinho de cocos de Seu Jorge. Em alguns momentos permaneci observando as atividades dos feirantes, os vendo realizar negociações, passar troco e atender aos fregueses que chegavam.

Imagem 1: ilustração da localização dos pontos de venda de Lila, Gilvânia e Jorge.



Fonte: criação da autora, 2023.

As minhas primeiras ligações com a feira – e, talvez, comigo mesma – se mesclam a lembranças de brincadeiras na infância, saudades da minha mãe, que era feirante em uma cidade distante, e ansiedade por conhecer um lugar desconhecido.

⁴Para além das idas a campo estruturadas como tal para a pesquisa, eu vivenciei a feira em meu cotidiano e em minhas memórias. Estas vivências compõem também o universo "campo" desta pesquisa.

Quando na feira, pela primeira vez, lembro de ter muita sede, lembro de muito cansaço, desconforto e ansiedade para ir embora, voltar para casa. As lembranças que tenho também remetem aos prazeres de uma cidade vista a partir do meu olhar infantil, na altura das bancas, num espaço onde tudo era – ou ao menos parecia ser – perto, em que se podia andar a pé, sozinha, livre, e onde todos pareciam se conhecer. Ao longo do tempo, as idas à feira assumiram outra conotação, diferente das minhas primeiras lembranças: aparentemente, a ligação com a feira estava constituída. Havia uma conexão, como se existisse, entre nós, uma relação à parte.

1.1 Eu

Me chamo Camila, tenho 29 anos, sou arquiteta e urbanista e venho de uma família de feirantes. Nasci e vivi em Arapiraca ao longo de toda a vida, exceto pelos 12 meses de intercâmbio que fiz através do Programa Ciência Sem Fronteiras, do Governo Federal. Entre agosto de 2015 e agosto de 2016 estive em Roma, na Itália, e vivi diversas experiências, algumas muito diferentes, outras muito corriqueiras, como ir à feira. Lá, as idas à feira me proporcionaram verdadeiras viagens, pois não havia feira sem antiguidades ou pinturas belíssimas. Mas a experiência não difere tanto da experiência de toda uma vida, aqui: o passar entre bancas, o cumprimentar pessoas, o movimentar do corpo, o caminhar e o parar. Como dito por Francesco Careri, “*o parar é tão importante quanto o caminhar*” (p. 299), já que ele permite estabelecer relações e sedimentar experiências.

Ao retornar desta experiência de intercâmbio, finalizei a graduação em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Alagoas - Campus Arapiraca. Meu trabalho final de graduação tratou do processo de desenvolvimento da cidade de Arapiraca e sua relação com seu patrimônio cultural. Ao adentrar o mestrado, meu projeto de dissertação trazia uma proposta de análise da feira de Arapiraca enquanto referência cultural da cidade, e para quem essa feira seria referência. Em certa medida, marcada pela experiência de trabalhar em mapeamentos culturais em minha atuação no Grupo de Pesquisa Nordesteanças, me interessava a discussão acerca das memórias e do patrimônio urbano, tanto quanto na construção deste por parte dos habitantes da cidade.

Ao longo dos primeiros meses de pós-graduação, a pandemia de Covid-19 foi anunciada e muitas reflexões começaram a acontecer, principalmente num momento de isolamento e de um constante não estar na rua, não viver a cidade, não frequentar

a feira. As lembranças das inúmeras idas à feira foram borbulhando, e, diante de uma mente barulhenta, colocar tudo no papel se fez necessário. O que escrevo aqui, parte de uma abordagem sensorial, passando pela percepção, por muitas sensações e por tantas memórias. Visa tratar da feira como espaço de percepção do conhecimento sensível. Minhas experiências têm sido registradas em diários, e os resultados apontam para uma experiência da feira marcada por cheiros, sensações, cores e imagens apreendidos por meus sentidos e marcadas pela memória.

Com as minhas idas à feira, apreendi seu tempo, que além de ser dividido em tempos normativos, estabelecidos pelo poder público, é também gerido pelo tempo do sol, que faz com que o cheiro do peixe exale de forma mais intensa, bem como o cheiro da jaca que é vendida aberta, em sua época de colheita. Apreendo, a cada visita, que o sol rege também o movimento das atividades: a forma como as bancas são montadas, amparando os feirantes e as frutas do sol forte. O tempo da chuva também dita suas regras, e traz à tona os problemas de infraestrutura, lixo acumulado e bueiros entupidos. Tendo apreendido um pouco do conhecimento sensível, procuro descrever e refletir aqui a experiência física, imbricada nas práticas corporais e na materialidade, mesclada às memórias.

Para que eu possa apreender algumas configurações da feira e as alterações que ela introduz na própria cidade é preciso me forçar a estranhar o cotidiano desse espaço, para que assim eu consiga perceber as corriqueiras relações do dia-a-dia que às vezes, tornam-se quase invisíveis pela proximidade que tenho com o espaço.

Como dito anteriormente, percebo na feira três importantes figuras: o feirante, o freguês e o passante. Eu, enquanto neta e filha de feirantes, já vivi – em escala reduzida – a experiência de *dar feira*⁵. Enquanto frequentadora assídua da feira do bairro, vivo a experiência de ser freguesa. Enquanto pesquisadora, vivo também a experiência de passante. Neste trabalho, *“me oponho a um lugar de outridade e invento a mim mesma (...) falo em meu próprio nome e sobre minha própria realidade.”* (KILOMBA, 2020)

Venho de uma família de feirantes e, junto com eles, “vivi” muitas idas à feira, não só de Arapiraca. Falo aqui de um passado que se realiza no presente, numa mistura

⁵ A expressão dar feira é comumente utilizada pelos feirantes e pessoas próximas à esta realidade. Dar feira traduz o ofício de trabalhar ali, em uma banca, vendendo seus produtos.

de memórias: minhas, de minha família e nossas - principalmente nossas aquelas que não sei se vivi ou apenas ouvi, mas as sinto minhas.

Ecléa Bosi, em seu livro *Memória e Sociedade*, tratando da memória social fala sobre como a comunidade familiar exerce uma função de apoio, uma espécie de testemunha e intérprete de experiências. O conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive, lugar onde se relacionam elementos de escolha e rejeição que definem o que será lembrado. Compreender a memória como construção nos permite evitar uma perspectiva factual apenas, na qual os depoimentos seriam “comprovados” por outras fontes. Trata-se aí de compreender as eleições dos aspectos a se lembrar e esquecer, muito mais do que a busca por um relato fidedigno do passado.

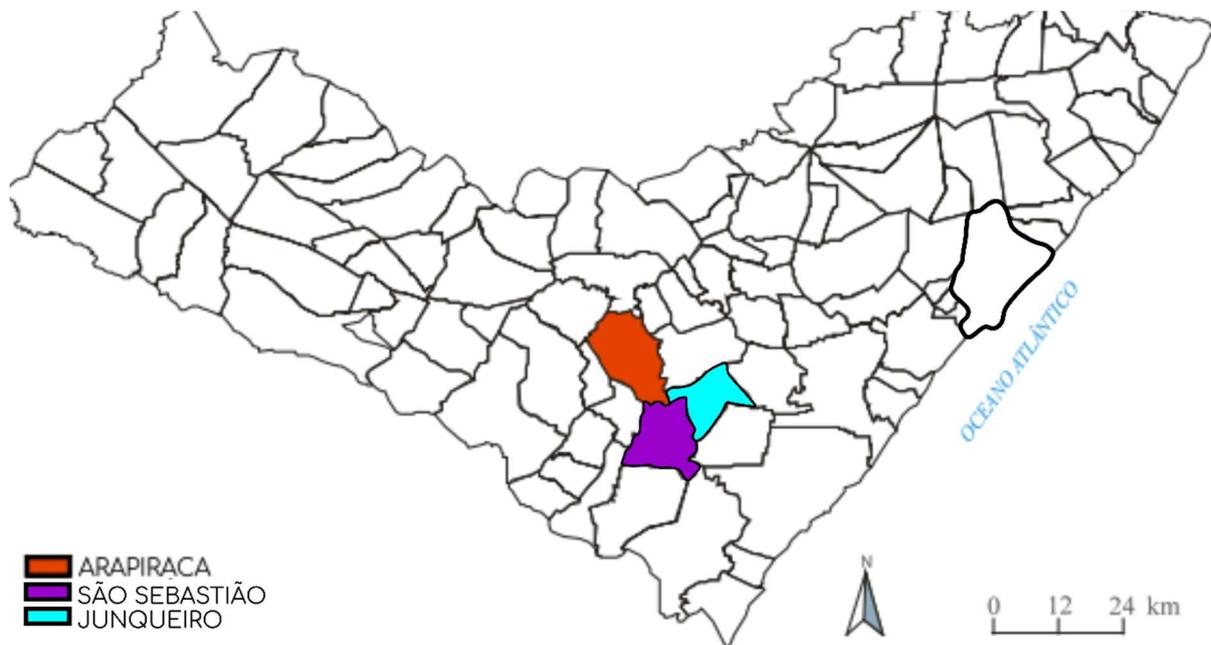
(...) quanto mais o pesquisador entra em contacto com o contexto histórico preciso onde viveram seus depoentes, cotejando e cruzando informações e lembranças de várias pessoas, mais vai-se configurando a seus olhos a imagem do campo de significações já pré-formada nos depoimentos. (BOSI, 1994).

Início assim meu relato da memória familiar, compreendendo que nele se entrelaçam as minhas memórias e as narrativas ouvidas tanto para esta pesquisa quanto na vida cotidiana.

Meus avós moravam em um sítio chamado Tucum, na cidade de Junqueiro, em Alagoas. Lá tiveram 06 filhos e, de lá, nos anos 1970, vieram morar em Arapiraca, onde nasceu, em 1976, minha mãe, sua filha mais nova. Meu avô já trabalhava montando gaiolas e minha avó matando galinhas para vender. Meus tios, os filhos mais velhos, arrumaram emprego em Arapiraca e isso motivou a vinda da família para a cidade. Meu avô começou a vender gaiolas na feira de Arapiraca e em outras, em cidades vizinhas. Aos poucos, meus tios Luiz e Jadson começaram o próprio negócio, uma fabricação de biscoitos e pães no quintal de casa. A partir daí, à medida que o negócio crescia, surgiu a oportunidade de vender os produtos na feira de Arapiraca também. Minha avó, então, começou a vida de feirante que perdurou por mais de 20 anos, sempre na feira de Arapiraca. Meu tio Luiz, além de administrar a fabricação de biscoitos, foi, por muitos anos, motorista de um caminhão que levava mercadorias e pessoas para a feira de Junqueiro, Alagoas. Ele acordava por volta de 03:00 da manhã, com o caminhão já carregado na noite anterior, e começava a buscar os feirantes em suas casas. Além da feira de Junqueiro, ele levava mercadorias de sua

fabricação de biscoitos para a feira da cidade de São Sebastião, também em Alagoas. Para a feira de Junqueiro, ele conta que levava pessoas, algumas bancas e muita mercadoria, tudo junto no baú do caminhão, de forma ilegal e, infelizmente, bastante arriscada e desconfortável. O mapa a seguir localiza as feiras dentro do estado de Alagoas.

Mapa 1: Cidades de Arapiraca, Junqueiro e São Sebastião localizadas dentro do estado de Alagoas.



FONTE: Associação dos Municípios Alagoanos com adaptação desta autora, 2021.

Por volta de 04:00 da manhã eles saíam rumo a Junqueiro para estar lá antes das 05:00 e começar a organizar as bancas com os produtos. Minha tia Nadja era uma das feirantes que ia, semanalmente, *dar feira* em Junqueiro. Ela contou, em diversas situações, reuniões de família, como era a rotina: chegavam, organizavam toda a banca, produtos em embalagens mais chamativas na frente, sacos para vender biscoitos a granel mais atrás, para não impedir a visualização, em um encaixe abaixo da banca a caixinha de moedas para troco, e os banquinhos para sentar. Ela e um ajudante organizavam tudo e depois iam cochilar, até que o sol começasse a clarear tudo e os fregueses comesçassem a chegar. Ela sempre ria dizendo que não entendia a necessidade que as pessoas tinham de comprar bolacha tão cedo. Algumas vezes, quando o primeiro movimento passava, o ajudante dela ia comprar pastel e caldo de cana para lanchar. Noutras, eles comiam biscoitos com o café que levavam em uma

garrafa grande, para também oferecer aos clientes que provavam biscoitos antes de escolher.

Já no final dos anos 1980, outra tia, a Jadna passou a ir também para a feira de Junqueiro. Minha mãe, que tinha cerca de 10 anos de idade, começou a ir para a feira de Arapiraca, para não ficar sozinha e ajudar minha avó. Minha mãe tem muitas memórias das idas à feira, em diversos momentos da vida. Ela conta histórias de clientes grosseiros e clientes gentis, dos quais sabia de quase toda a vida. Ela sempre me conta que “aprendeu a conversar” na feira, pois, quando criança, era muito introspectiva. Na feira é muito difícil não conversar. Minha mãe cresceu indo para a feira de Arapiraca e muitas vezes para as feiras de Junqueiro e São Sebastião, junto com os irmãos. Ela sabia vender, passar troco e principalmente, sabia conversar. Aos 15 anos, minha mãe engravidou e aos 16, eu nasci. A partir daí, ela se dedicou aos cuidados com a casa, a família e pausou o trabalho na feira, foi quando meu pai, que trabalhava numa mercearia do meu avô, decidiu começar a trabalhar na feira para ajudar nas despesas de casa. Ele começou a vida de feirante de supetão, indo para a cidade de Coruripe semanalmente, vender também biscoitos da fabricação de meus tios. À medida em que eu crescia, minha mãe voltou a frequentar a feira de Arapiraca: muitas vezes íamos no horário de almoço, para que minha avó pudesse comer mais tranquila enquanto minha mãe atendia os clientes. Feiras não fecham. Não existe horário de almoço, é um trabalho que começa na madrugada e vai até a tarde. Quando escrevo sobre essa época, me sinto preencher de lembranças. Lembro de querer ir, de achar o espaço da feira um lugar de diversão e alegria. Ecléa Bosi (1994) fala sobre a memória ser trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido. Ela diz que:

(...) tempo não flui uniformemente, o homem tornou o tempo humano em cada sociedade. Cada classe o vive diferentemente, assim como cada pessoa. Existe a noite serena da criança, a noite profunda e breve do trabalhador, a noite infinita do doente, a noite pontilhada do perseguido. (BOSI, 1994).

Minha mãe conta que sempre havia dificuldade e choro em me deixar, mas, ela sabia que o ambiente da feira era de muito calor, muita caminhada e muito movimento – fatores que o transformavam em pouco ideal para crianças. Ela conta que aproveitava para comprar frutas e verduras na feira, às segundas, mas não podia

comprar muita coisa pois ia de ônibus. O ponto de ônibus ficava bem próximo da feira, o que minimizava a dificuldade do trajeto.

Minhas memórias de feira, aquelas que vivi e não as que ouvi, começam quando eu tinha 10 anos de idade. Minha mãe passou a ir com mais frequência para a feira, e, após a aula, eu almoçava e ia junto com minha tia, que nesse momento trabalhava numa casa lotérica na mesma rua onde a banca da minha avó ficava. Eu ia para encontrar minha mãe e avó e ajudá-las, pois naquele momento, minha mãe podia ir ao banheiro, minha avó almoçava, enquanto eu aprendia a atender os clientes, já os atendendo. Minha mãe lembra que à época, em uma ida à escola, a professora comentou da minha agilidade em fazer contas, o que, muito tempo depois, ela relacionou aos trocos que eu precisava passar de forma ágil na feira. À medida em que fui crescendo, a necessidade de me dedicar mais aos estudos tomou o lugar da feira em minha vida. Era necessário usar o período da tarde para atividades e estudos, então, não fui mais à feira. Ao mesmo tempo em que sentia falta, pois lá se comia biscoitos e bebia café a qualquer hora, se conversava muito, o tempo passava rápido - mais rápido que as horas fazendo atividades escolares, que pareciam infinitas, sentia alívio por não estar mais naquele ambiente de calor, sede e cansaço. Era muito cansativo *dar feira*, as banquetas não tinham encosto, as costas doíam e a falta de banheiro impossibilitava tomar água à vontade - também era um fator impeditivo o tamanho da garrafa com água, que possuía 5 litros e precisava durar o dia de feira inteiro.

Já mais velha, comecei a ir à feira do bairro sozinha, fazer compras para casa. Lembro de ir a pé, no próprio bairro, e achar a feira muito pequena - estava acostumada com a imensidão da feira de Arapiraca, que era ainda mais imensa diante da minha pequenez de criança. Frequentemente, percebo que minhas memórias se mesclam às memórias de minha mãe, de minhas tias e de minha avó. Por muitas vezes, não sei se a história que conto aconteceu de fato comigo, ou com elas. Isso realça a forma como a feira está presente em nós: nos corpos, que sabem lidar com o espaço de forma tão natural, nas falas, que se mesclam e se reconhecem e, principalmente, na imensa coleção de memórias que hoje compartilhamos, depois de tantos anos. Ecléa Bosi (1994) e Maurice Halbwachs (1993) tratam dos processos memorativos como relacionados à significação na vida do sujeito que recorda. Um passado que não passa, que se faz presente, que refaz o futuro. Lembranças permanecem na memória. Bosi, apoiada por Halbwachs, diz que:

“(...) a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e com os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 1994).

No livro *O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social* (2003), Bosi volta a tratar da memória oral como uma espécie de linha que tece o cotidiano. A autora valoriza a palavra dos velhos, das mulheres, dos trabalhadores manuais, estes todos excluídos da história ensinada na escola. Existem os mediadores institucionais: a escola, a igreja, o partido político. A memória oral faz ver por muitos lados, por lados distintos e até contraditórios: “e aí se encontra a sua maior riqueza”, escreve Bosi. Na obra *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos* (1994), Bosi traz para o debate as vozes que atuam na recuperação da memória e que vêm mostrar a interferência de muitos outros fatores no momento do relato. Um deles refere-se à relatividade da memória, que mescla não apenas as lembranças, mas também os silêncios e esquecimentos. Há um forte vínculo entre memória, lembrança e esquecimento. Onde estiver presente um desses elementos, também estará o outro.

Além disso, Bosi (1994) afirma que o modo de lembrar é tanto individual quanto social: o grupo transmite, guarda e reforça lembranças, mas, ao recordá-las, individualiza a memória comunitária e, no que lembra e em como lembra, faz com que fique apenas o que há significado. Ao discorrer sobre a maneira como o indivíduo é testemunha de seu tempo, Bosi (1994) observa também a memória coletiva a partir de laços de convivência familiar, escolar e profissional, que amarram a memória de seus membros, crescem, unem, separam, ajustam e passam a limpo o passado.

A memória busca trazer à tona o passado, ainda que seja sabida a impossibilidade de resgatá-lo fielmente. Existem diversas lacunas e perdas. Para Bosi (1994, p. 55), “*na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens, ideias de hoje, as experiências do passado*”. Percebo que a tecitura das memórias de que falo aqui é marcada por esse processo de repensar e refazer, tratando-se não de uma autobiografia transparente, mas num processo ativo de eleição e construção de narrativas marcado também pelo eu pesquisadora.

Ao longo dos anos, meus avós, tios e tias e minha mãe pararam de *dar feira*. Em 2001 aconteceu a mudança da feira de Arapiraca do centro para os arredores do Mercado Público Municipal, no Bairro Baixão (Imagem 1).

Imagem 2: Mercado Público Municipal de Arapiraca



Fonte: Prefeitura Municipal de Arapiraca (2016)

Meus avós continuaram ali por mais 2 anos apenas, de acordo com eles, tentando fazer vingar um negócio que parecia não ter mais futuro. O movimento caiu, os fregueses não encontravam mais a banca deles e decidiram parar. Também nessa época, a fabricação caseira de biscoitos e pães cresceu e eles abriram duas padarias. Esse aspecto acabou por impulsionar a decisão de meus avós também. Minhas tias e minha mãe começaram a trabalhar nas empresas dos irmãos, pela primeira vez na vida, com Carteira de Trabalho assinada. Meus tios começaram a colocar alguns funcionários da padaria para *dar feira*, vendendo seus produtos. Meus avós se aposentaram. Ali a relação da minha família com as feiras se encerrava, e digo isso com sensação de alívio por cada um deles, que vivia uma rotina exaustiva há anos, em lugares sem estrutura para necessidades básicas e que, com muita luta e enorme dedicação, dando feira, fizeram o negócio da família crescer a ponto de tirá-los da feira.

Acredito ser importante a ressalva de que, apesar de me aproximar e me deter às relações afetivas, de memória e da importância das feiras para a cidade, não tenho pretensão de pender meu olhar para uma romantização das dores, desconfortos e dificuldades enfrentadas por quem vivencia esse espaço. O trabalho pretende, justamente, falar das feiras dentro da Feira para contribuir com uma reflexão sobre

seus espaços e a maneira como poderiam, em alguma medida, serem também menos dolorosos.

1.2 Ela em mim



Percebo a feira como um alguém. Possuímos uma relação longa e cheia de trocas, lembranças e vivências. Seu espaço é cenário de conversações e narrativas diversas que conectam os processos da vida daqueles que partilham tal lugar e vivenciam esse espaço urbano.

Em Arapiraca, muitas pessoas vão comumente à feira com roteiros pré-estabelecidos: listas do que vão comprar e rotas definidas que facilmente mudam à medida em que um conhecido, um vizinho ou uma necessidade nova de compra surge. Uma olhadinha num móvel de madeira, um pastel na rua ao lado. E assim, novos caminhos são criados a todo momento. A feira é feita de uma série de encontros casuais, conversas e paradas e o seu espaço é repleto de pontos de encontro - calçadas, esquinas, sombras de árvores, carrinhos de lanche - onde acontecem intersecções de diversas maneiras. Muitas narrativas são produzidas

nesses pontos, tornando-os lugares de trocas em que os corpos e suas histórias se cruzam e se misturam, sendo, ainda de acordo com Paola Berenstein Jacques (2008), o errante alguém que “não vê a cidade somente de cima, em uma representação do tipo mapa, mas a experimenta de dentro, e isso sem necessariamente produzir uma representação qualquer desta experiência além, é claro, das suas corpografias que já estão incorporadas, inscritas em seu próprio corpo.”

A feira de Arapiraca tem múltiplas entradas e saídas, instala-se por ruas, cruzamentos, esquinas, pela Praça do Abacaxi, ao longo da linha do trem e preenche diversas calçadas. É impossível dizer onde a feira começa ou termina. Não é linear, demarcada ou limitada. Existem, claro, orientações e limitações exigidas pelo poder público, mas, na prática, a feira anda. Ela nos acompanha, num carregador que traz as compras até o carro ou ao ponto de saída e chegada do transporte intermunicipal – as *vans*. A feira está nos carrinhos de coco verde que distam algumas esquinas do mercado. Nas mulheres que ficam nas calçadas com bacias de feijão de corda. Está nas bodegas que colocam peças na calçada exclusivamente em dias de feira.

Imagem 3: Colagem de fotos de elementos nas calçadas das ruas em dias de feira.



FONTE: Prefeitura de Arapiraca, 2019.

Essa dinamicidade traz à tona um traço peculiar à cidade, em se tratando da sua capacidade de estabelecer fluxos, passagens e ligações, funcionando a partir de entradas e saídas, de linhas horizontais que se mesclam, se encontram e se afastam.

Posso entrar e sair da feira por vários caminhos e atalhos. Quase que a cada ida, escolhi uma entrada e uma saída diferentes⁶. As veias desse espaço se abrem para todos os lados, por onde correm rios feitos de gente. As linhas desse texto também têm variadas saídas, e não têm pretensão de formar uma conclusão definitiva em relação às tantas singularidades dessa experiência. Os habitantes da cidade a fazem: as ruas onde há gente são as ruas onde há a cidade em vida - compra, troca, parada, partida, chegada. Paola Berenstein Jacques fala da legitimação da cidade a partir do cotidiano de quem a habita, e ressalta que:

Os praticantes ordinários das cidades atualizam os projetos urbanos e o próprio urbanismo, através da prática, vivência ou experiência dos espaços urbanos. Os urbanistas indicam usos possíveis para o espaço projetado, mas são aqueles que o experimentam no cotidiano que os atualizam. São as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são essas experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes que reinventam esses espaços no seu cotidiano. (p.5)

Estou na feira. É janeiro de 2021. Há pessoas com máscara⁷ (imagem 4), pessoas usando máscara de forma equivocada e pessoas sem máscara. Durante o período de novembro/2020 a março/2021, as idas à feira são diferentes para mim: há receio, ardeios e desvios. Me preocupo em não me expor ao vírus, pois estamos em plena pandemia. Tal preocupação me atrapalha um pouco, não sinto a mesma liberdade de outrora. Meus movimentos são ditados pelo outro: onde tem menos gente? Por onde posso passar sem encontrar aglomeração de pessoas? Não posso provar as frutas antes de levar. Não devo pegar nelas, devo evitar tocar as frutas, verduras. Como fazer compras na feira sem tocar? (Diário de bordo da autora, 2021).

⁶ Diante do cenário de pandemia da COVID-19, o planejamento de idas à feira precisou ser adaptado. Inicialmente, quantidade maior de visitas era prevista – entre 20 e 30, algo que não foi possível. As primeiras idas à feira foram pensadas no sentido de experienciar o espaço: vivê-lo, observá-lo, sentir seu cheiro, perceber movimentos e nuances. As conversações que ocorriam eram naturais, tocavam questões da pesquisa, mas sem roteiro pré-estabelecido ainda. A ideia era que isso fosse se construindo depois, para que os vínculos formados pudessem resultar em entrevistas. No final do ano de 2020, em um momento no qual se acreditava em uma regressão de casos de infecção pelo coronavírus, iniciei as visitas à feira. Foram 2 visitas em dezembro, 4 visitas em janeiro de 2021 e apenas 2 em fevereiro de 2021, quando a situação de pandemia começou a se agravar novamente. Naquele momento, suspendi as idas à feira e ficou decidido que elas seriam retomadas após uma real diminuição de casos diante do avanço da vacinação no Brasil.

⁷ Aqui, trata-se da Feira em tempos de Covid-19, pandemia mundial que foi decretada oficialmente em 20 de março de 2020 no Brasil.

Imagem 4: vendedora de frutas usando máscara.



FONTE: Magno Almeida - ASCOM Prefeitura Municipal de Arapiraca, 2020

Me movimentar pela feira inscrita neste cenário pandêmico me faz mudar algo já registrado em meu corpo: o caminhar por ela. O caminhar, que sempre fora livre dentro da ginga do abaixar, levantar, desviar de barracas e carrinhos de mão, começa a ser determinado por outros fatores. Começo a inscrever em meu corpo uma experiência urbana diferente, que pode resultar em uma corpografia diferente da feira. JACQUES (2008) fala que *“cada corpo pode acumular diferentes corpografias, resultados das mais diferentes experiências urbanas vividas por cada um. A questão da temporalidade e da intensidade dessas experiências é determinante na sua forma de inscrição”*.

Entretanto, ainda que diante de uma nova realidade, mantém-se minha forte ligação com a feira, um encantamento com o contraste produzido por bancas meio desordenadas e lonas estendidas ao chão, frutas e verduras, temperos, multidão em movimento, carrinhos de mão cheios de compras, sons que surgem de todos os lados,

entre muitas outras coisas: tudo isso compõe uma paisagem que arrasta a minha atenção (imagem 5).

Imagem 5: Bancas com verduras e raízes na Feira de Arapiraca.



FONTE: Pablício Vieira - ASCOM Prefeitura Municipal de Arapiraca, 2020

Também arrasta minha atenção a falta de estrutura, a falta de lixeiras e banheiros públicos na área de feira e álcool em gel nas entradas. Ao percorrer a feira, em plena pandemia, em nenhuma das seis visitas feitas houve abordagem, orientações em relação aos cuidados básicos de higiene ou uso correto da máscara. Não me deparei com barreiras sanitárias em nenhuma das 6 entradas pelas quais acessei a feira. Percorro a feira e encontro muitos produtos espalhados nas lonas lançadas no chão, de modo desordenado, criando uma interessante paisagem de emaranhados, uma bela desordem (Fotos 5, 6 e 7). Me pergunto algo que jamais passou pela minha cabeça: os produtos estão no chão, e a contaminação? Meu corpo na feira não é,





Ressalto aqui que a escrita deste trabalho começou a se desenrolar antes do trabalho de campo, mas tomou corpo diante das idas à feira, entre novembro de 2020 e março de 2021, o que intensificou a abundância de feira no texto. De certa forma, um esforço maior se fez necessário, visto que a escrita se compõe e recompõe incessantemente, tendo em vista a fragmentaridade de uma feira. Além disso, como dito por TAVARES (2013) “*tudo o que comigo se cruza torna-se para mim uma imagem do que estou a pensar na altura*” (p.40), o que permite retornos, idas e vindas na escrita. “O fragmento é uma máquina de produzir incícios” (Idem, p.40) e percebo que o que se passou em meu corpo durante os encontros com a feira e suas expressões tornou-se dizível, de certa maneira, através do ato de escrever em fragmentos

Era sempre uma forma de registrar a feira e registrar-me como era naquele dia de feira. Os elementos que entram em trânsito nas linhas dessa escrita não são tentativas de reprodução ou de representação das experiências vividas, considerando que há muito de quem vive na experiência em si, mas sim, processos de apreensão que só se atualizam a partir de um pôr-se em contato com esse território fragmentado - onde a prudência fica de fora, em referência ao dito por TAVARES (2013) - que é a feira. Escrever é um outro plano de intensidade da pesquisa – não necessariamente posterior ao trabalho mais empírico, pois a escrita também aconteceu simultaneamente aos passeios pela cidade, através do uso de diário – que toca o convívio direto com os acontecimentos e ritmos da feira livre. Estar no campo, ainda que por um período limitado - na função de pesquisadora - me permitiu experienciar a exuberância das ruas povoadas nas manhãs de segunda. Minha escrita se desenrola a partir das impressões e marcas que se registram variavelmente no meu corpo e em minhas memórias, e isso indica que, experienciar e escrever por meio da experiência são processos inevitavelmente distintos, mas que se conciliam na composição deste trabalho.

1.3. Nós de nós: o feirante, o freguês e o passante

Negociando conversas, ao longo das idas a campo, senti a necessidade de rabiscar algumas distinções em relação aos atores que povoam a feira, consciente de que poderiam ser efêmeras, verdadeiros rabiscos, mas, que, por hora, me ajudariam

a organizar melhor meu perceber. Rabisquei três maneiras de ser-fazer a feira: os feirantes, os fregueses e os passantes.

O termo feirante está para aqueles que realizam algum tipo de trabalho na feira - independente de possuírem ou não bancas de feira - e que vivenciam esse lugar como meio de subsistência econômica, processo que não acontece separado de outros processos. O feirante tem uma motivação. Precisa da feira para reprodução da sua vida. Ali seu corpo trabalha, cansa, sua, e ali também ele estabelece relações de vizinhança, amizades, acordos. É o feirante que monta a feira, arruma, desmonta. É ele que grita, apela, negocia. Se está fixo na barraca, experimenta a feira passar diante de si, com seu corpo ancorado num ponto da feira. Se é ambulante, percorre a feira, serpenteia, produz itinerários.

O freguês tem outra motivação. Vai com a intenção de comprar alguns itens, mas vai aberto aos outros que se apresentem. É o personagem a ser seduzido pelo feirante. Seu corpo percorre, escolhe produtos através da sensorialidade, se move. O freguês, diferentemente do passante eventual, percorre a feira exatamente através e para além do labirinto - que é sempre tão marcante para novos frequentadores -, pois sabe onde se encontra o feirante de sua preferência, as frutas de seu agrado, os lugares de descanso à fresca.

O passante percorre a feira pelo deslumbre, pelo flandar. Muitas vezes se converte em freguês, mas pode simplesmente experimentar a espacialidade por prazer (ou necessidade, como atravessar a feira para chegar do outro lado). Para este a feira é labiríntica, misteriosa, bagunçada, caótica. Seu código é indecifrável e isso pode ser extremamente prazeroso ou angustiante.

As feiras que existem dentro da Feira de Arapiraca e a maneira como elas se apresentam diversas de acordo com quem as vê me trazem à mente as cidades invisíveis de Ítalo Calvino (1990). As feiras que compõem esse espaço são como pequenos universos conhecidos somente de acordo com a percepção individual de seus usuários.

Há duas maneiras de se alcançar Despina: de navio ou de camelo. A cidade se apresenta de forma diferente para quem chega por terra ou por mar. O cameleiro que vê despontar no horizonte do planalto os pináculos dos arranha-céus, as antenas de radar, os sobressaltos das birutas brancas e vermelhas, a fumaça das chaminés, imagina um navio; sabe que é uma cidade, mas a imagina como uma embarcação que pode afastá-lo do deserto, um veleiro que esteja para zarpar, com o vento que enche as suas velas ainda não completamente soltas, ou um navio a vapor com a caldeira

que vibra na carena de ferro, e imagina todos os portos, as mercadorias ultramarinas que os guindastes descarregam nos cais, as tabernas em que tripulações de diferentes bandeiras quebram garrafas na cabeça umas das outras, as janelas térreas iluminadas, cada uma com uma mulher que se penteia. Na neblina costeira, o marinheiro distingue a forma da corcunda de um camelo, de uma sela bordada de franjas refulgentes entre duas corcundas malhadas que avançam balançando; sabe que é uma cidade, mas a imagina como um camelo de cuja albarda pendem odres e alforjes de fruta cristalizada, vinho de tâmaras, folhas de tabaco, e vê-se ao comando de uma longa caravana que o afasta do deserto do mar rumo a um oásis de água doce à sombra cerrada das palmeiras, rumo a palácios de espessas paredes caídas, de pátios azulejados onde as bailarinas dançam descalças e movem os braços para dentro e para fora do véu. Cada cidade recebe a forma do deserto a que se opõe; é assim que o cameleiro e o marinheiro vêem Despina, cidade de confim entre dois desertos. (CALVINO, 1990).

Sinto que a mim, várias faces dessas feiras-cidades se apresentaram ao longo da vida. Como dito, já estive nas três maneiras de ser-fazer feira, mas hoje, enquanto pesquisadora, acredito que estou em uma maneira que difere das três, mas não deixa de ter em si um pouco de cada uma, afinal, quem fui faz parte de quem sou agora.

Numa de minhas andanças pela feira, enquanto parei por um instante para olhar a banca de frutas, mais especificamente as pinhas, uma fruta de época que amo, um senhor abria cocos sentado num banquinho de madeira. Observei e me questionei: como aguenta passar o dia nessa posição, sem apoiar as costas? Pensei em minhas próprias dores - costas, ombros e pescoço - aos 29 anos de uma vida sem qualquer tipo de trabalho que lidasse com peso, força ou algo parecido. Seu Jorge com certeza sente dores, mas, ao mesmo tempo, imagino que a posição e os anos de trabalho já as façam fazer parte do dia-a-dia dele. Puxei assunto e perguntei há quanto tempo ele vendia cocos ali na feira. A resposta: há 05 anos. Foram por água abaixo toda a minha suposição e romantização de uma vida inteira, desde a infância, na feira. Seu Jorge contou ainda que trabalhou quase 15 anos numa loja de ferragens em uma cidade próxima, mas, em determinado momento, demitiram alguns funcionários e ele perdeu o emprego. Desde então, ele vem às segundas-feiras vender coco na feira de Arapiraca, pois considera o movimento bom, e nos outros dias ele vende no centro, entrega em alguns estabelecimentos e restaurantes. Percebi que encontrá-lo ali poderia ser um acaso, pois havia um rapaz que o acompanhava e era o vendedor de cocos, enquanto ele administrava o negócio e volta e meia saía para fazer alguma entrega ou resolver algo. Falou rapidamente sobre a memória das coisas que tinha vivido: *“quando fico parado assim, lembro de tudo. Lembro de tudo que já passou comigo. Já vivi tanta coisa, menina.”* Nas conversas com seu Jorge, quando contava as histórias das aventuras de sua longa

vida trabalhando na loja, ele não as narrava apenas oralmente: o corpo meio cansado daquele senhor ganhava outra força, encarnava uma série de gestos que se mesclavam à fala na composição da narrativa. A memória se materializa no corpo do feirante e não busca um passado encerrado: ela coloca em cena, no presente. Em meio às conversas com esse contador de histórias, ele vendia cocos e outros fregueses e passantes entravam nos diálogos, algumas vezes me “alertando”, em tom de brincadeira, que as histórias eram mentiras.

Ao retornar, todas as segundas-feiras, eu me debruçava sobre os registros que fazia, anotações, e me colocava diante do computador para escrever. Me questionava sobre o que essas narrativas me contavam acerca do modo de vida na feira e sobre a forma através da qual essas histórias falavam. Me perguntava se se tratava apenas da singularidade dos narradores ou se misturavam à vida coletiva presente nas segundas-feiras de Arapiraca. As narrativas da feira não se arranjam enquanto histórias de indivíduos, isolados das forças constitutivas do próprio espaço, elas vão se transformando através da interferência dos ouvintes e ganham rumos inesperados com as intercessões daqueles que entram na conversa.

Mil e uma conversas acontecem entre os corredores da feira, sempre de modo aberto, quase sempre deixando espaço para que outras pessoas entrem e participem. A feira é um espaço barulhento. Ao longo de toda a vida, sempre que ia à feira, havia situações em que outras pessoas entravam numa determinada conversa, que se desenrolava inicialmente com um feirante, e colocavam assuntos novos, assim como continuavam assuntos que já estavam em processo de diálogo. Essas entradas são extremamente comuns nas maneiras de comunicação expressas na feira - e bastante escassas em outros ambientes de compra, como supermercados. Me recordo de uma ida à feira com minha mãe, há anos, na condição de freguesa. Assim que chegamos, por uma das tantas entradas possíveis, a banca de frutas da qual gostávamos ficava logo ao início. Rapidamente, escolhíamos as frutas, inclusive provando aquelas que alegávamos não pretender levar por achar que não eram doces. Sempre gostamos de frutas, então, as sacolas estavam cheias e pesadas, o que não era um problema, pois, como estávamos no início da nossa rota e já havia um certo conhecimento entre nós e o feirante, Seu Jair, deixávamos as sacolas separadas e pegávamos na volta. Seguindo a rota, minha mãe ia para o lado dos peixes e carnes e eu para as verduras, legumes e folhas. Eu amava essa parte da feira, assim como a das frutas, que se mesclavam, inclusive. A arrumação dos tomates e ramos de alface era um espetáculo

à parte, que muito me agradava, principalmente em comparação ao horror que tinha da parte onde ficavam as carnes e os peixes. Lembro de uma situação, comprando temperos, em que uma freguesa que estava comprando ervas para chá me olhou e disse: *“melhor aqui do que chá de caixa, viu?”* - falando dos chás na caixinha que compramos no supermercado. Eu, que nunca havia parado para pensar nisso, já falei para minha mãe, com toda propriedade recém adquirida, que era melhor comprar folha de chá na feira, que era obviamente mais natural. Numa outra situação, um rapaz que transitava pelo corredor repleto de gente começou uma rápida conversa: *“e como comprar antenas sem testar na televisão, né?”*. Ele se referia a um vendedor ambulante de controles remotos, antenas e artigos do tipo, que andava com seus produtos numa espécie de avental cheio de muitos bolsos.

Essa forma tão espontânea de conversação se estabelece a todo momento na feira, não importando se as pessoas se conhecem ou não. A feira se compõe enquanto um lugar de conversações, de troca de experiências, que conecta processos da vida dos feirantes, dos fregueses e dos passantes, os quais partilham, além de outras coisas, a própria experiência singular de estar nesse espaço urbano. As conversações ocorrem muito rapidamente, numa velocidade ampliada. E isso não significa que as pessoas não se comunicam ou que se comunicam de maneira incompreensível. Sobre esse ponto, dona Lila, da tapioca, dizia que as conversas com os fregueses acontecem, mas que procurava muitas vezes encurtá-las: *“e não dá tempo de ficar conversando muito, que o coco não se rala sozinho não”*, disse ela, certa vez, às risadas. Dona Lila vende tapioca há mais de 20 anos, desde quando a feira se localizava ao longo da rua 15 de Novembro e imediações. A fala dela expressa com precisão essa dimensão fragmentária e veloz das conversas na feira, que são atravessadas por inúmeros interesses e necessidades.

Os corpos se tocam constantemente na feira. Nos estreitos corredores, todos se encostam e os contatos físicos são quase inevitáveis. Com frequência, carrinhos de mão disputam espaço com pessoas e com carrinhos de lanche, vendedores ambulantes, dentre outros. Pessoas transitam pelo espaço disputado dificilmente. Durante uma das minhas andanças, uma senhora falou em voz alta, passando por uma fileira de carrinhos de mão que levavam compras de outras pessoas: *“tem gente que não sabe andar!”* Essa expressão, enunciada de forma tão livre, em plena passagem, é muito interessante, pois se refere a um saber-andar na feira, um saber indissociável da prática. É um conhecimento que só se cria nos

cruzamentos da rua-feira, nos corredores embolados desse mundo vertiginoso e potente.

Certeau (2008) aponta que o ato de caminhar, de se deslocar, tece a própria cidade, compõe a sua paisagem temporária, em movimentos agudos e quase imperceptíveis. O espaço se cria simultaneamente ao momento de passagem. Os fazeres cotidianos dos habitantes que transitam pela cidade imprimem marcas e variações no espaço que tornam a experiência urbana singular e inédita. Nesse lugar praticado que é a feira, não há separação entre sujeito e meio, entre habitante e espaço urbano, pois, aquele que transita pela cidade não vivencia este espaço enquanto algo dado, preexistente e cristalizado. O transeunte a cria ao mesmo tempo em que cria a si próprio, num jogo de interferências mútuas. Assim, o espaço urbano se corporifica, torna-se consistente e vivo a partir das conexões com os corpos⁸ daqueles que o atravessam, emergindo com uma construção multiforme sempre inacabada. Como afirma Paola Berenstein Jacques (2007, p.95), a cidade *“ganha corpo a partir do momento em que ela é praticada [...] Os praticantes da cidade, como os errantes, realmente experimentam os espaços quando os percorrem e, assim, lhe dão ‘corpo’ pela simples ação de percorrê-los”*.

O contato com as ruas nos dias de feira se dá de maneira singular, diferenciando-se muito dos outros dias da semana. O dia de feira interfere na dinâmica da cidade, alterando o trânsito, aumentando o fluxo de pessoas pelas ruas e intensificando o comércio – não apenas para os feirantes –, o que faz a circulação econômica ganhar um volume muito maior do que nos outros dias. Acredito ser possível colocar a feira de Arapiraca, ao mesmo tempo, como fonte e também como objeto de estudo da história urbana da cidade. Através de uma análise das transformações pelas quais a feira passou no decorrer de sua existência e levando-se em consideração sua plena inserção no espaço urbano arapiraquense, torna-se possível compreender os complexos processos que ensejaram as transformações da cidade, como a descentralização da feira, e sua mudança para os arredores do

⁸ A partir das intercessões com o pensamento de Espinosa, Deleuze (2002) pensa o corpo através de duas dimensões constitutivas: a primeira refere-se às velocidades e lentidões variáveis da infinidade de partículas que o compõe, e a segunda diz respeito à sua capacidade de afetar e de ser afetado nos encontros com outros corpos. Essa concepção produzida a partir da filosofia espinosana nos fornece algumas importantes pistas para pensarmos com mais consistência a relação entre o corpo e o espaço urbano.

mercado público. Enquanto a cidade se transforma, é preciso apressar-se em registrar a memória e o conhecimento daquilo que foi um dia.



2. As
feiras
dentro da
Feira.

2 AS FEIRAS DENTRO DA FEIRA

Todas as segundas-feiras os moradores de Arapiraca, no Agreste de Alagoas, ocupavam algumas das principais ruas da cidade para participar daquela que, nos anos 1970, era considerada a maior Feira popular de todo o Nordeste: a Feira Livre de Arapiraca, cuja origem remonta ao ano de 1884. O historiador Zezito Guedes, em seu livro *Arapiraca Através do Tempo* (1999) conta que:

(...) como se domingo fosse, e sob o guarda-sol dessa festa, o povo da região comprava suas roupas, ia ao barbeiro, fazia compras de muitas mercadorias e encontrava parentes e amigos que moravam em cidades da região. Tratava-se de uma festa interiorana por excelência, que atraía principalmente o público do campo. Desde que foi criada, a Feira representa uma expressão viva e espontânea da cultura popular nordestina, com seus sanfoneiros, emboladores, repentistas, escritores da literatura de cordel, poetas e artesãos. As manifestações folclóricas também marcam presença, através das cantigas das destaladeiras de fumo e de danças como o coco de roda. Havia ainda comidas típicas dos mais variados tipos, a exemplo do sarapatel de boi e porco, bode assado e buchada. (GUEDES, 1999, p.78)

Arapiraca, localizada no Agreste de Alagoas, é uma cidade muito central no Estado de Alagoas. É uma zona de transição, de passagem, dentro do Agreste (Mapa 2) que por si só, é uma zona de passagem dentro do Estado de Alagoas. Isso fez com que, ao longo dos anos, a região onde hoje fica Arapiraca fosse bastante propícia aos negócios, às compras e trocas.

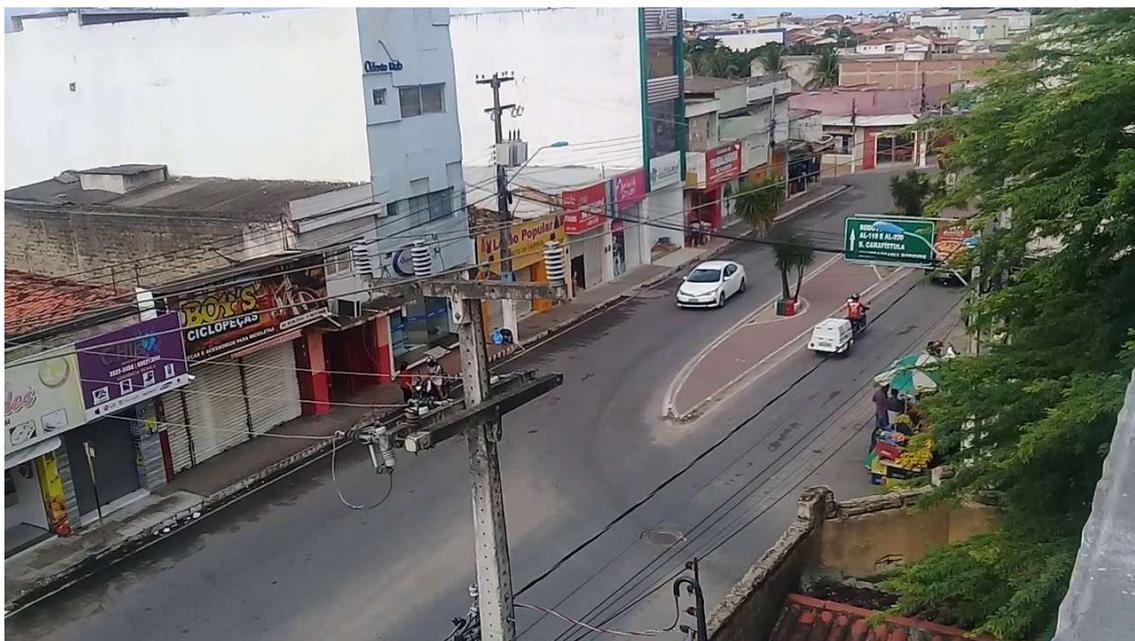
Mapa 2: Localização da cidade de Arapiraca no estado de Alagoas.



FONTE: Associação dos Municípios Alagoanos com adaptação desta autora, 2021.

Em 1920, segundo o historiador Zezito Guedes (1999), a Feira de Arapiraca já superava, em renda, a Feira de Limoeiro de Anadia, cidade à qual Arapiraca pertencia antes de sua emancipação. A partir daí começou o movimento pedindo a separação, que só se deu em 1924. Guedes (2000) conta que às segundas-feiras as principais ruas do centro da cidade viravam um caos, numa mistura de comércio, arte e cultura. Eram centenas de bancas vendendo os mais diversos tipos de produtos. Uma das ruas mais movimentadas era a 15 de Novembro (Imagem 7). Milhares de pessoas dos quatro cantos do estado (e às vezes até de fora do estado de Alagoas) passavam pelo local para comprar frutas, verduras, carnes, roupas, utensílios para o lar e até para negociar.

Imagem 8: Rua 15 de Novembro, no Centro de Arapiraca



Fonte: Canal Seu Nô, Youtube, 2019.

A Feira de Arapiraca deu trabalho a muita gente, como foi o caso da dona Maria Fernandes, de 75 anos, que criou 9 filhos com o suor do trabalho na barraquinha de hortifruti: *“A gente passava a madrugada montando tudo, levando os produtos pra vender. Era muito bom. Eu tinha uma barraquinha de ervas, legumes e frutas que minha família mesmo produzia. Era uma cultura tão boa que a gente nem sentia o tempo passar”*, disse a ex-feirante, em entrevista⁹ para o Portal da Prefeitura de Arapiraca, concedida em 2012.

O amor pela Feira também foi confirmado pela microempresária Donizete Ferreira de Araújo, em entrevista¹⁰, que junto da mãe, dona Fanda Cândia de Araújo, trabalhava em uma bodega na rua 15 de novembro: *“A gente veio de Limoeiro de Anadia pra trabalhar na Feira de Arapiraca. Minha mãe tinha uma bodeguinha que servia como um apoio pros feirantes. Aqui eles tomavam café, comiam e depois voltavam pro trabalho. A mesma coisa acontecia com os visitantes e clientes”*, disse Donizete. *“Depois que minha mãe morreu, eu continuei trabalhando por aqui”*, disse ela.

⁹ Entrevista concedida no ano de 2012, disponível em <<https://www.cadaminuto.com.br/noticia/338887/2019/05/12/feira-livre-deu-origem-ao-desenvolvimento-de-arapiraca>>, acesso em 03 de janeiro de 2020.

¹⁰ Entrevista concedida no ano de 2012, disponível em <<https://www.cadaminuto.com.br/noticia/338887/2019/05/12/feira-livre-deu-origem-ao-desenvolvimento-de-arapiraca>>, acesso em 03 de janeiro de 2020.

E foi na Feira de Arapiraca que surgiu o Bruxo das Alagoas, Hermeto Pascoal. No meio das dezenas de repentistas, o músico se formou e fez escola, como ele mesmo conta: “A gente saía de Lagoa da Canoa, eu, meu pai e o resto da minha família, e íamos para Arapiraca. Se hoje eu faço música universal é porque na Feira de Arapiraca já se fazia música universal”, disse ele. Hermeto escreveu um poema sobre sua relação com ela, e, em entrevista¹¹ para o portal da Prefeitura de Arapiraca, concedida em 2012, ele o declamou. O poema é como uma descrição da origem da cidade de Arapiraca, Alagoas.

Não se trata de uma feira que se estabeleceu numa cidade. Mas uma cidade que se formou em torno de uma feira. Desde que Arapiraca é Arapiraca, todas as segundas-feiras, certo como é o nascer do sol, era também os ruídos de marteladas e o trote de mulas com suas cargas rangentes, o burburinho de vozes acordando mais cedo os moradores das ruas do centro. Dezenas, centenas de rostos anônimos, desconhecidos e ao mesmo tempo familiares. Gente de Arapiraca, de Palmeira (dos Índios), de Lagoa da Canoa, de Limoeiro de Anadia, gente da cidade e gente do sítio, gente de perto e gente de longe, gente que cresceu frequentando a feira e gente que eu vi um pouco mais velha a cada segunda-feira.

O cheiro-verde do coentro fresquinho e ainda molhado de orvalho, o cheiro forte do fumo, o cheiro azedo da massa puba, todos os cheiros e fedores da feira, o desarrumar das cargas para arrumar as bancas, um caos buscando organizar-se. Era como música.

2. 1 Arapiraca, o fumo e a feira

Arapiraca, no interior do estado de Alagoas, é uma cidade com grande importância no cenário da economia, política e cultura estadual. Sua feira livre, de expressão nacional, tendo sido a segunda maior feira livre da região Nordeste, perdendo apenas para Caruaru, é até hoje um território cultural importante para a cidade, conhecida também como a terra do fumo. Tal alcunha surge a partir de 1950, quando a cidade sofreu um ciclo industrial manufatureiro, sendo o fumo a principal matéria prima das indústrias que se instalaram na cidade e agiram na transformação urbana, bem como do espaço rural. O setor de beneficiamento do fumo é, até os dias atuais, encarado como o principal fator econômico para que Arapiraca se tornasse conhecida e se constituísse como espaço urbano., dando sentido a toda uma simbologia regional criando a Arapiraca fumageira destacada de uma Alagoas Canavieira.

¹¹ Entrevista concedida no ano de 2012, disponível em <<https://www.cadaminuto.com.br/noticia/338887/2019/05/12/feira-livre-deu-origem-ao-desenvolvimento-de-arapiraca>>, acesso em 03 de janeiro de 2020.

Segundo o Professor Jean Baptiste Nardi, os primeiros anos do Século XX marcaram o que pode ser considerado o momento áureo da produção e comercialização de fumo para a elaboração de cigarros finos. Principalmente no Sul do Brasil. O marco inicial desse processo foi a compra da Souza Cruz, empresa fundada em 1903, por parte da empresa British American Tabaco. Somando-se a esse fato, há de se destacar que, O processo de industrialização do país, iniciado em 1910, acelera-se e favorece a consolidação da região fumageira do Sul. Também melhora o poder de compra do brasileiro que passa a consumir mais cigarros industrializados. Tudo isso facilita o crescimento da Souza Cruz que já é, em 1910, o maior fabricante do país e a indústria mais mecanizada e continua 16 sua conquista do mercado nacional antes limitado ao Sul e Sudeste (NARDI, 2004. p. 36).

Ainda, segundo Nardi (2004), a priorização por parte dos Estados do Sul do país, como, por exemplo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina que, em 1940, eram responsáveis por produzir 40 % do “fumo claro”, utilizado em cigarros finos, provocou a escassez de fumo em corda em um de seus principais consumidores, o Estado de São Paulo. No entanto, a produção de fumo em corda dos Estados do Nordeste começa a emergir com destaque para Alagoas. *“Por sua ótima qualidade, o fumo de Arapiraca ganha uma boa reputação no Brasil e sua produção triplica entre 1955 e 1965, passando de umas 5 mil t. para 16 mil”* (NARDI, 2004, p 36). Assim, Arapiraca ganhou especial destaque na produção fumageira, considerando-se que alguns aspectos da organização social, principalmente nas relações de trabalho dos camponeses locais, ajudaram a atrair um significativo número de empresas de trato e comercialização do fumo para se estabelecerem em sua região (FERRARI, 1985).

Sobre os anos iniciais do ciclo fumageiro, Guedes (1999) afirma que o fumo começou a ser plantado em Arapiraca no final do século XIX, mas foi na década de 50 do século XX que houve um *boom* na produção fumageira e, assim, o fumo rapidamente se tornou um dos principais produtos da agricultura alagoana. Isso se deu a partir da presença de empresários baianos buscando abastecer-se em Arapiraca e exportar através do porto de Salvador.

Nesse período mais de vinte empresas compunham o aparato industrial/exportador fumageiro em Arapiraca e, “incentivaram a produção do fumo em folha para exportação que em média, representava 30% da safra, sem modificar a estrutura agrícola” (NARDI, 2010, p. 51). Nesse contexto de instalação de empresas estrangeiras, a partir de 1960, Arapiraca também contou com um aparato local de

empresas que beneficiavam o fumo de corda e vendiam em pequenos pacotes como, por exemplo, as fábricas: “Dumelhor, Superbom, Fusbom, Incoforte, Cifujal, Extraforte, Extrabom” (NARDI, 2010, p. 52). Isso significa dizer que não apenas se beneficiava o fumo para exportação, como também se criavam produtos adequados ao mercado nacional como o fumo desfiado em pequenos pacotes de plástico.

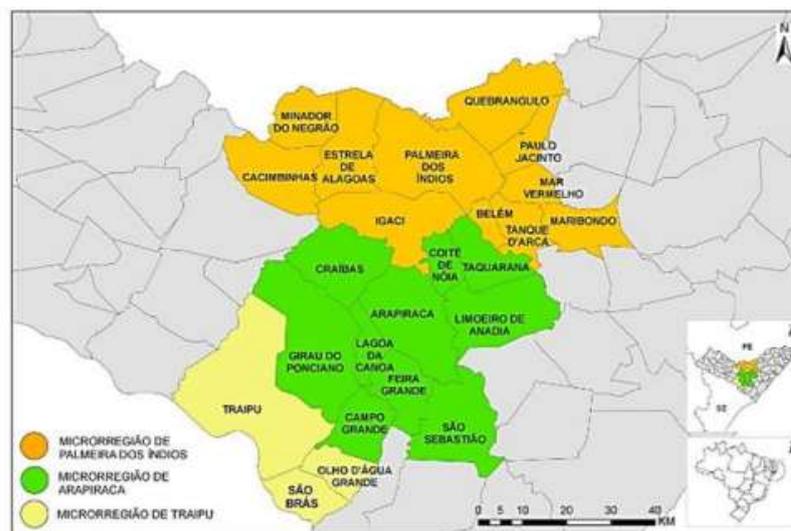
Esse contexto, que inicia nos anos de 1950, é o que se pode considerar o marco inicial da grande produção fumageira na região de Arapiraca. Dessa reorganização econômica, provocada pela industrialização de beneficiamento e exportação de fumo, pode-se observar uma diversidade de aspectos que, aos poucos, foram consolidando Arapiraca como principal produtora de fumo do Estado de Alagoas (GUSMÃO, 1982). Para tanto, um dos aspectos que precisa ser evidenciado é que, a partir desse aparato empresarial que se formou, os produtores de fumo em 1950 puderam usufruir de créditos agrícolas através de uma agência do Banco da Lavoura de Minas Gerais instalada em Arapiraca, bem como contavam com empréstimos bancários da agência de Penedo do Banco do Brasil (FARIAS, 2012). Essa ampliação da dinâmica econômica proporcionada pela indústria manufatureira trouxe algumas mudanças significativas na vida dos trabalhadores arapiraquenses, podendo-se destacar a migração para a zona urbana (SANTOS, 2014).

Outro importante aspecto desse período foi a reorganização dos tributos interestaduais ocorrida nesse contexto, que contribuiu com a dinâmica fumageira, fazendo com que o fumo produzido em Alagoas deixasse de ser um produto exportado pelo porto de Salvador e forçando as empresas a se direcionarem ao Estado alagoano. Esse aspecto foi de grande importância para a ampliação das empresas em solo arapiraquense. Sobre esse aspecto, Nardi (2010) afirma que, a reforma tributária de 1966 cria o ICMS que modifica as condições de comercialização interestadual, elevando o custo da expedição do fumo de Alagoas para a Bahia. Por essa razão, as empresas nacionais e estrangeiras, já atuando na Bahia, instalaram armazéns em Arapiraca e passaram a fazer as expedições de fumo pelo porto de Maceió (NARDI, 2010, p. 39). Desta forma, a atividade fomicultora concentrou um aparato empresarial-industrial-fumageiro no Agreste alagoano e Arapiraca começou a atrair mão-de-obra para as fábricas de beneficiamento de fumo, o que ocasionou o surgimento de diversos postos de trabalho na cidade, bem como no ambiente rural. Assim, ampliou-se a demanda por produtos de necessidade básica para suprir a

manutenção da população em crescimento e houve, conseqüentemente significativo crescimento do comércio local (FERRARI, 1985).

Com uma população, segundo o IBGE (2015), de 662.046 habitantes distribuídos em um território de 5.769,78 Km², com a densidade demográfica de 114,74 hab./km², a região do agreste alagoano é onde se encontra o objeto de estudo dessa pesquisa, pois abriga na Microrregião de Arapiraca certa peculiaridade em relação a outras áreas do Estado que é o desenvolvimento de uma economia independente da zona canavieira a partir de uma diversidade de produtos que, durante determinado período histórico, teve o fumo como atrativo econômico e proporcionou a elaboração de uma “Arapiraca Fumageira” ou “Terra do Fumo” que surgiu como negação de uma totalidade canavieira alagoana.

Imagem 9: Divisão político-administrativa da Mesorregião do Agreste



FONTE: IBGE, 2013

O mapa acima ilustra a Mesorregião do Agreste alagoano assim como ajuda a compreender sua tripartição em três microrregiões com peculiaridades distintas. A Microrregião de Palmeira dos Índios, em laranja, comporta ao leste, municípios que se situam no campo da produção canavieira bem como na criação de gado de corte. A oeste os municípios aparecem aproximando-se ao semiárido alagoano e assim são propensos a produção de gado de leite e plantio de feijão, milho e palma forrageira. A parte do mapa em amarelo correspondente à microrregião de Traipu comporta municípios da bacia do Rio São Francisco que têm sua economia baseada na pesca, criação de animais e agricultura. A parte em verde, na qual se situa Arapiraca, é onde

ocorre o que se convencionou chamar de Região Fumageira de Alagoas e que durante o período do ciclo fumageiro foi o principal cenário da produção de fumo do Estado de Alagoas.

Para além do fumo, cuja trajetória histórica na cidade é relevante para compreender a consolidação de sua dinâmica urbana, a região agreste também é marcada pela produção agrícola de pequenas propriedades. Desde a década de 1920, a região de Arapiraca foi se instituindo em produtora de farinha de mandioca, que era transportada pelo Rio São Francisco, através do porto de Penedo. Ainda em 1925, Arapiraca contava aproximadamente 1.500 habitantes com uma grande parte de sua população “desenvolvendo o plantio da mandioca, contribuindo com a transformação do referido povoado, no produtor de farinha de melhor qualidade da região” (FARIAS, 2012, p. 45).

Outros produtos, como o feijão e a batata doce, sempre fizeram parte da cultura arapiraquense, e eram comercializados na sua feira semanal. Em 1950, com a divulgação dos resultados do censo agropecuário do ano, pode-se observar que em Arapiraca “foram produzidas, além de 3.000 toneladas de farinha, 1.190 centos de abacaxi, 304 toneladas de batata doce, 45 toneladas de amendoim, 23 toneladas de fava, 12 de inhame e 16 toneladas de mamona” (FARIAS, 2012, p. 46). Com o passar dos anos, essa região foi desenvolvendo uma dinâmica de comercialização do que era produzido por suas atividades agrícolas em torno da feira de Arapiraca.

Segundo o historiador Jean Baptiste Nardi (2010), a feira de Arapiraca, desde o final do século XIX, se tratava de importante elemento da economia, pois era o principal lugar no qual pequenos agricultores, comerciantes de diversas localidades, fazendeiros e a população do Agreste e Sertão reuniam-se para comprar e vender o excedente do que produziam ou para trazerem novos produtos de outras regiões do Nordeste. A feira de Arapiraca na década de 1960 era considerada uma das maiores feiras de toda a região Nordeste, contando com grande parte da região central da cidade ocupada “por cerca de 5000 barracas em uma área de ocupação de 20 logradouros” (CORRÊA, 1997, p. 68), nos quais se comercializavam uma enorme diversidade de produtos durante as segundas-feiras. Segundo Marlene Almeida (2012):

A feira teve sua localização inicial próximo a capela de Nossa Senhora do Bom Conselho, isso nas mediações do ano de 1884. Nas décadas de 10, 20, 30, 40 e 50 a feira se concentra na Rua do Comércio. As modificações para urbanização de Arapiraca começaram a partir dos anos de 1940 mais

precisamente em 42 e 43 quando Manoel Leal estava no mandato de prefeito e investiu no calçamento da Rua do Comércio, construindo também um calçadão (ALMEIDA NETA, 2012, p. 59).

Imagem 10: Feira livre em 1942 na Rua do Comércio



Fonte: Arapiraca na História de Alagoas, 1994

Esta feira também operava como uma rede de comércio unindo varejo e atacado em associação direta com os comerciantes lojistas. Dessa maneira, durante os anos de 1960 até a década de 1990 “a cidade de Arapiraca não só possui a maior feira do Agreste e do Sertão de Alagoas, como também dispõe de um comércio atacadista que abastece, entre outros clientes, até os próprios feirantes” (CORRÊA, 1997, P. 69).

A multidão no principal espaço de concentração das barracas demonstra uma espécie de grandiosidade da feira dizendo sobre seu peso econômico ao compor o cenário urbano local. A feira é rodeada de estabelecimentos comerciais que compunham o que viria se tornar o comércio varejista e atacadista local. É interessante que se observe que, Arapiraca a partir de suas atividades agrícolas e sua tradicional feira livre foi desenvolvendo um comércio que aos poucos se diversificava, negociando com produtos advindos de uma produção rural e urbana (destinados inicialmente para o mercado interno), bem como negociando com produtos advindos de outros lugares. Isso significa dizer que a feira atuava como

centro de integração regional e cultural na região central do Estado de Alagoas. Sua diversidade de produtos era acompanhada de outras práticas sociais que ajudavam a compor o cenário da feira enquanto ambiente de interação social e cultural.

2.2. O declínio do fumo, uma “nova Arapiraca” e a Feira

A força do fumo foi se perdendo por volta da década de 1970, com as intensas campanhas antitabagismo. Em Arapiraca, muitos fumicultores começaram a diversificar suas atividades, tornando-se também comerciantes, rompendo com o discurso fumageiro e agindo na elaboração de outros elementos que não mais reforçavam o fumo como constituinte da identidade local. Na década de 2000, com o setor fumageiro bastante desarticulado, inicia um movimento simbólico de ruptura com uma leitura que vinculava Arapiraca a práticas rurais, como o próprio fumo e a sua feira livre. A partir de então, começa-se uma discursividade em torno de “modernizar” Arapiraca, e essa modernização começou pela mudança da feira livre e reurbanização do centro comercial. Em meu trabalho de conclusão de curso (OLIVEIRA, 2017) analisei justamente o discurso que reforça o desenvolvimento em Arapiraca e a coloca, de diversas maneiras, como a “metrópole do futuro”. Trabalhei, naquele momento, com a relação entre esse discurso tão voltado ao crescimento e desenvolvimento da cidade e o seu patrimônio cultural.

O início dessa “nova identidade” para Arapiraca trouxe, portanto, uma quebra de paradigma que marca a ascensão dos comerciantes formais, e inicia a elaboração de um discurso relativo a outros símbolos, como, por exemplo, a árvore que dá nome a cidade. Ou seja, era preciso romper com o velho, e o discurso foi se modificando de acordo com a reconfiguração das relações de poder político institucional. As elaborações de um conjunto de elementos discursivos e não discursivos ligados ao cultivo e comercialização do fumo oscilaram durante a última década do século XX. Nesse período uma série de (arte) fatos ajudaram a elaborar o discurso “fumageiro”. Quando houve o declínio dessa cultura, os grupos que ascenderam ao poder trataram de atuar na elaboração de outra Arapiraca. Agora não mais fumageira. Arapiraca “forte por natureza”, lema da “nova” ordenação política, trazia a imagem da árvore que dá o nome à cidade em completa dissociação com a cultura fumageira. É nesse momento também que a feira livre passa a ser vista como alvo de ações de reestruturação.

Imagem 11: Publicidade realizada pela Prefeitura de Arapiraca comunicando a transferência da feira livre.



Fonte: A última feira, 2003.

Na Feira de Arapiraca, o comércio de mercadorias é bastante variado. Ali se encontra praticamente de tudo: roupas, utensílios domésticos, alimentos, material para o trabalho no campo, animais, ervas medicinais, móveis, ferragens, brinquedos, artesanatos e diversos outros produtos. Há também regulamento, líder de setores, normas e padrões a serem seguidos. Desde o ano de 2001, ao feirante não é permitido vender sua vaga a outro. Cabe apenas à prefeitura autorizar o uso do solo urbano para a comercialização das mercadorias. Com mandato de um ano, os líderes da Feira são escolhidos em reuniões dos feirantes com a prefeitura. Eles não são remunerados para desempenhar essa função, mas ficam isentos do pagamento da taxa municipal. Esses líderes perdem o mandato somente se deixarem de comparecer sem justificativa a mais de 4 reuniões durante o período de um ano.

Sabe-se que, de acordo com IBGE de 2000, 76,3% da população de Arapiraca não tinha uma renda maior que um salário mínimo, coube a essa população recorrer ao trabalho informal e em muitas situações foi a Feira que acolheu essa parcela populacional que não foi apenas o caso de Arapiraca, mas também de cidades circunvizinhas. Na época deste censo a Feira tradicional ainda ocupava o centro da

cidade, mais precisamente 24 ruas do mesmo. Tendo em vista a necessidade de visualizar a extensão da feira à época, construí um mapa a partir de indicações das pessoas com as quais conversei, da leitura de matérias jornalísticas que citavam o nome das ruas pelas quais a feira passava e das lembranças minhas (ver Mapa 3 - Região onde se localizava a Feira de Arapiraca até o ano de 2001 e Mapa 4 – Regiões nas quais se localizava a Feira de Arapiraca até o ano de 2001 e sua localização atual).

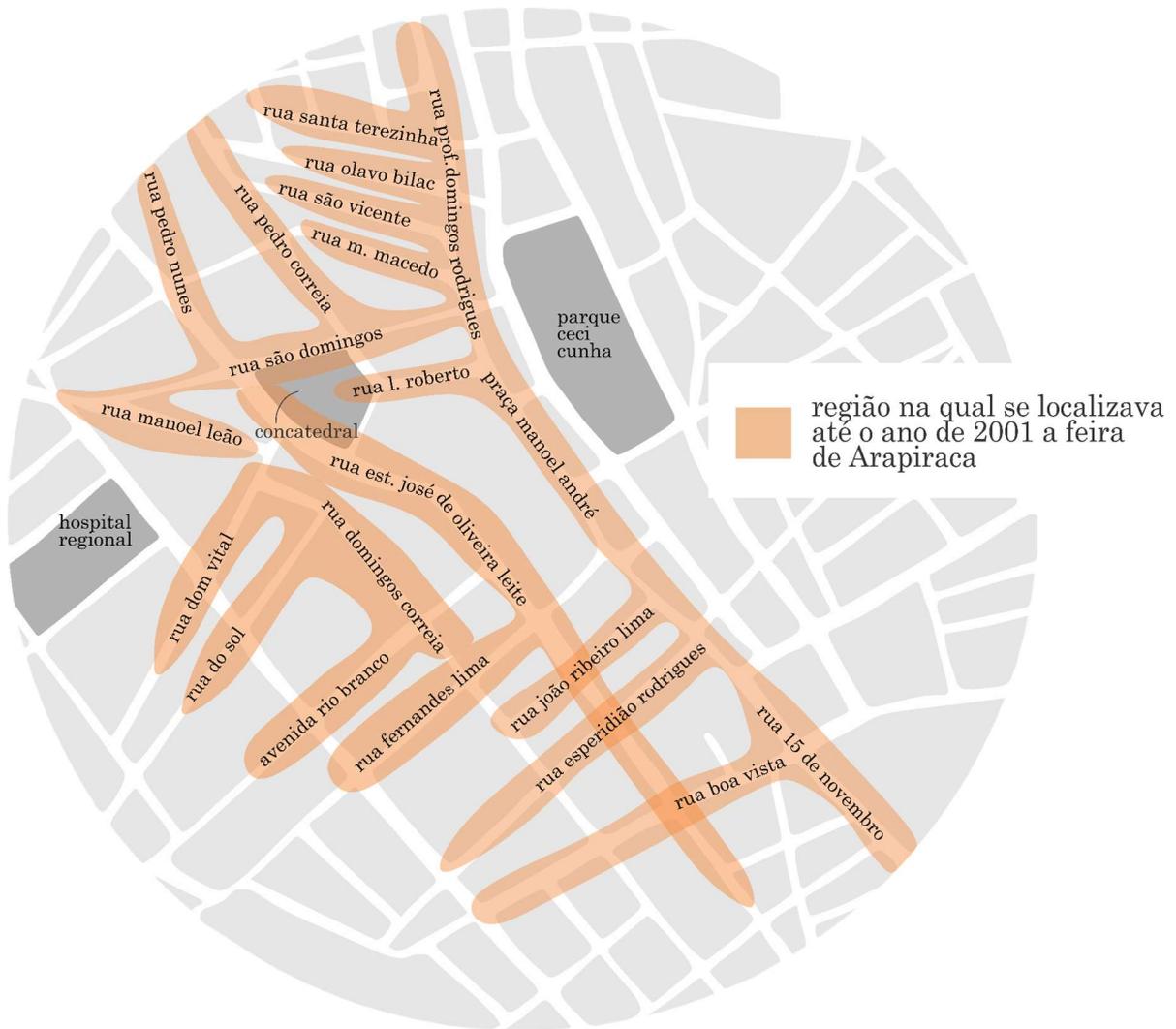
A administração do município de Arapiraca observou seu crescimento desordenado, então vários conflitos surgiram neste cenário de geração de renda e alternativa contra o desemprego para alguns, mas que também conflitava com a cidade, com o trânsito e com os lojistas. A solicitação de remoção da feira dessa área central na qual ela se espalhava partiu da Câmara de Dirigentes Lojistas de Arapiraca, e foi acatada pela então Prefeita Célia Rocha, de acordo com GUEDES (2010).

Imagem 12: Folder ilustrando a primeira localização da feira livre após sua relocação para o bairro Baixão.



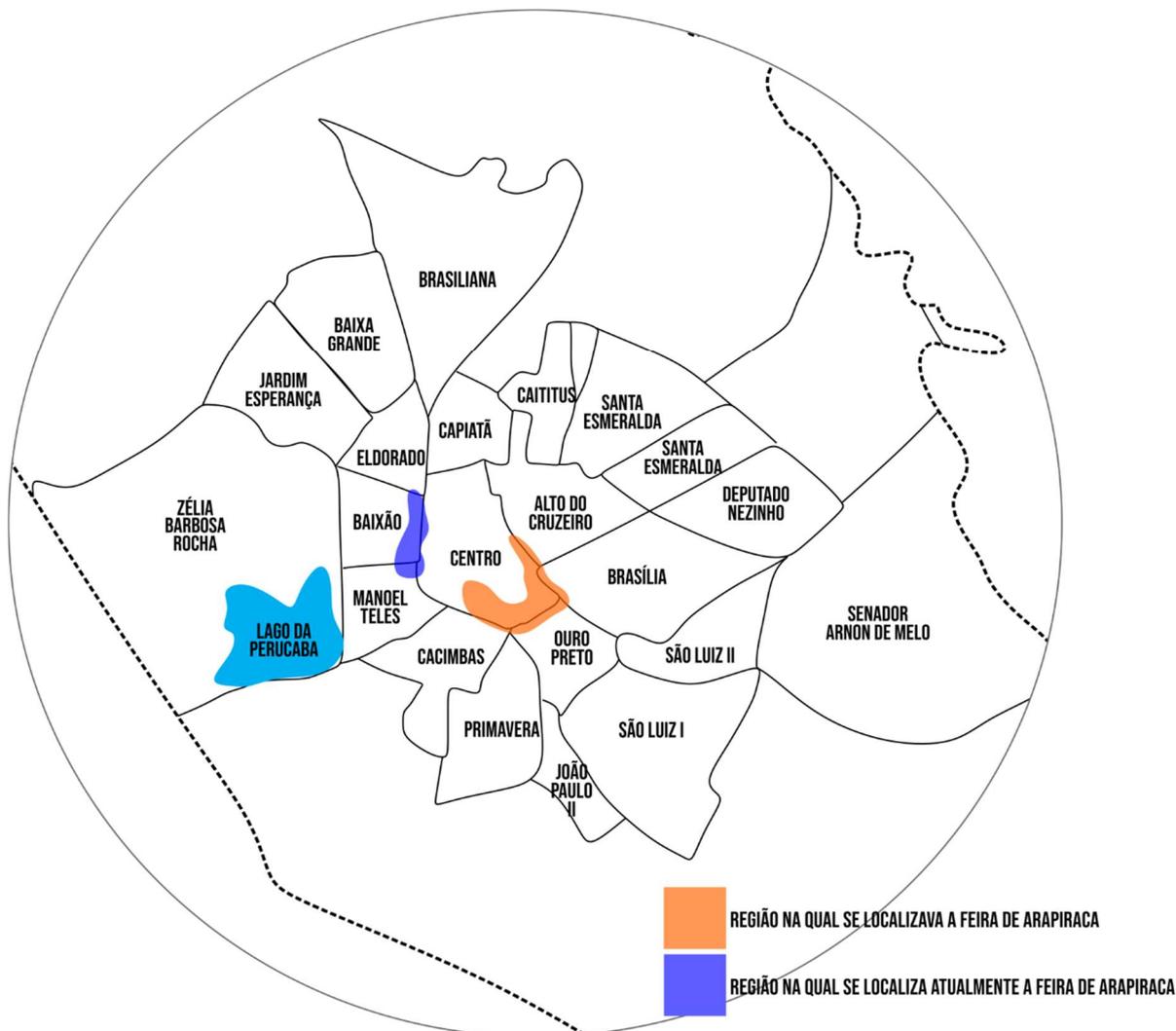
Fonte: Acervo da Casa da Cultura de Arapiraca.

Mapa 3: Região onde se localizava a Feira de Arapiraca até o ano de 2001



FONTE: Adaptação da plataforma Google Maps feita pela autora, 2021.

Mapa 4: Regiões nas quais se localizava a Feira de Arapiraca até o ano de 2001 e região de sua localização atual.



FONTE: Mapa Administrativo produzido pela SEPLAG e adaptado pela autora.

Outro fator dentro do qual a Feira contribuiu para a modificação no aspecto social foi em relação à mobilidade de classe social. Diferentemente de outras localidades, em Arapiraca não houve uma cristalização na hierarquia social, exemplo disso são alguns feirantes que obtiveram ascensão e notoriedade na vida pública como políticos e no fortalecimento do setor comercial e industrial. Em relação à cultura da cidade, a feira livre segundo o Plano Diretor de Arapiraca no Art. 28 é apresentada como referência de Patrimônio Material da zona urbana, porém não há nenhum registro para a salvaguarda desse bem.

Art. 28. São referências para o Patrimônio Cultural Material na zona urbana:
I - complexo ferroviário – linha ferroviária, estação, pátio de manobra e vila

operária; II - Igreja Nossa Senhora do Bom Conselho; III - Igreja de São Sebastião; IV - Igreja Senhor do Bonfim; V - Concatedral Nossa Senhora do Bom Conselho; VI - Igreja Santo Antônio; VII - Igreja Nossa Senhora Menina; VIII - Cemitério Pio XII; IX - feira livre (...) (p.17)

Me recordo de uma conversa com minha avó, Maria Creuza, que me falava de seus motivos para parar de *dar feira*. Ela me contava que achava que a feira iria acabar a qualquer momento, tendo em vista a diminuição brusca de clientes em sua banca e nas bancas vizinhas. Com a reinserção da feira de Arapiraca em outro bairro, a clientela não encontrava mais os vendedores já conhecidos, os produtos que desejava. Era um processo de refazer a feira, de recomençar relações.

Depois de mais de um século funcionando em 27 ruas do centro da cidade de Arapiraca, o segundo maior município de Alagoas, a Feira foi transferida em janeiro de 2002 para o bairro do Baixão. Hoje, o evento se estende a oito ruas desse bairro e tem como um de seus atrativos as barracas móveis cobertas por lonas. É vista ainda como fator de integração econômica do agreste alagoano, que abrange outras cidades como Campo Grande, Coité de Nóia, Craíbas, Feira Grande, Girau do Ponciano, Lagoa da Canoa, Limoeiro de Anadia, São Sebastião e Taquarana. De todas essas cidades, Arapiraca é a mais desenvolvida e atende comercialmente não só a região do Agreste, mas ainda o Sertão e o Baixo São Francisco.

2.3. A Feira e suas precariedades

Quando me dou conta de que a feira acontece há mais de 100 anos, me deparo com lembranças de toda uma vida, e uma delas é bastante forte: as amizades que minha avó fazia com donas de loja ou lanchonetes para que pudéssemos utilizar o banheiro de seus estabelecimentos. Como um serviço, institucionalizado, que movimenta a economia local, que já teve tanta força dentro de um cenário nacional, não possui estrutura básica para as necessidades de seus trabalhadores e clientes? Uma notícia do ano de 2020 fala da instalação de banheiros químicos na região da feira de Arapiraca, após uma série de reivindicações dos trabalhadores. A matéria no site da Prefeitura de Arapiraca¹² fala que “os feirantes estavam satisfeitos e destacaram a importância dos banheiros químicos, pois antes eles tinham que pagar uma taxa a proprietários de estabelecimentos comerciais localizados na rua onde a feira funciona para utilizar o banheiro.” A matéria continua e fala da situação de

¹² Disponível em <<https://web.arapiraca.al.gov.br/2020/12/prefeitura-de-arapiraca-instala-banheiros-quimicos-nas-feiras-livres-da-cidade/>> acesso em 09 de julho de 2021.

pandemia vivida no Brasil: “Ele (o Superintendente Fomentos à Comercialização de Mercados Públicos do município, Gutemberg Monteiro), ressaltou que a Secretaria de Desenvolvimento Econômico está realizando um trabalho intensivo de combate ao coronavírus, com orientação sobre a prevenção e disponibilizando álcool em gel nas entradas do Mercado Público, Mercado do Artesanato, Shopping Popular, Feira da Fumageira e nos mercados de carnes. “Pela primeira vez na história do Mercado Público Municipal de Arapiraca, são disponibilizados sabonete líquido e papel toalha nos banheiros. Este foi um pedido feito pela prefeita Fabiana Pessoa, logo que assumiu a gestão municipal”, frisou.” Uma feira centenária, mola propulsora do desenvolvimento econômico da segunda maior cidade do Estado de Alagoas, que só disponibiliza sabonete líquido e papel toalha em banheiros do Mercado Público no ano de 2020, em decorrência de uma pandemia mundial. Questões básicas de higiene, que independem de uma pandemia, nunca foram cumpridas. O básico não chega à feira.

Ainda tratando de questões ligadas à pandemia de Covid-19, houve um momento no qual as feiras foram proibidas. A ação partiu de uma reunião entre o então prefeito, Rogério Teófilo, e o Comitê Gestor de Crise. Ficou decidido ali que, a partir da terça-feira, 24 de março de 2020, estariam suspensas todas as feiras livres de Arapiraca. A decisão tinha o objetivo de evitar a proliferação do coronavírus. A suspensão durou cerca de duas semanas apenas. No dia 7 de abril de 2020, a Comissão criada para gerir a crise relacionada à pandemia do novo coronavírus, formada por membros de diversas secretarias municipais de Arapiraca, se reuniu na manhã e decidiu autorizar a realização de feiras livres a partir da quarta-feira, 08 de abril de 2020. A decisão foi tomada após reunião da citada Comissão com o então Prefeito Rogério Teófilo, e teve como base alguns pontos levantados pelos próprios feirantes, como a sobrecarga do Mercado Público Municipal, que passava por aglomerações constantes, impedindo o distanciamento, visto que as pessoas que costumavam comprar tanto na feira como no Mercado estavam todas ali dentro.

Para evitar a proliferação dos vírus, a Prefeitura anunciou que as barracas teriam que ser organizadas com um espaçamento de 2 metros e, naquele momento, apenas feirantes de Arapiraca estavam autorizados a realizar a comercialização. Ainda de acordo com a publicação, no site da Prefeitura, os feirantes poderiam

comercializar apenas gêneros alimentícios, como carnes, peixes, frango, tubérculos, verduras, folhagens, frutas e cereais - itens considerados essenciais.

De acordo com a comissão, as feiras contariam com a presença da fiscalização das secretarias de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, Serviços Públicos, Vigilância Sanitária e 3º Batalhão de Polícia Militar (3ºBPM). A Secretaria Municipal de Saúde e a Vigilância Sanitária foram responsáveis pela elaboração do plano de ação que seria posto em prática no dia seguinte nas feiras e também no Mercado Público.

A suspensão total das atividades nas feiras de Arapiraca durou cerca de 15 dias, mas, em diversas outras cidades do estado de Alagoas, a suspensão demorou mais. Em matéria no Portal G1 Alagoas¹³ estão listadas as cidades que proibiram a realização de feiras até maio de 2020. A lista conta com 28 cidades nas quais as feiras estavam suspensas até aquele momento.

Diante disto, o Grupo de Pesquisas Nordesteanças, do qual faço parte, deu início a um projeto de extensão que buscava divulgar contatos de feirantes que estavam fazendo vendas através de WhatsApp e com serviço de *delivery*. O trabalho consistia em conseguir os contatos de feirantes, contatá-los para questionar a possibilidade e/ou interesse em vender através de ligações ou WhatsApp e a possibilidade de retirada ou entrega a domicílio. O trabalho foi realizado durante os meses de março e Abril de 2020, pelos integrantes do grupo. A busca por contatos de feirantes acontecia através da conta do Grupo de Pesquisa Nordesteanças na rede Instagram, em grupos nos quais estávamos inseridos no WhatsApp e em nossas próprias redes sociais. Questionávamos se alguém conhecia um feirante que estava fazendo entregas naquele momento e, a partir das respostas positivas, iniciamos um mutirão para contatar essas pessoas.

À época, um membro da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano entrou em contato para conhecer melhor o grupo e saber como a Prefeitura poderia contribuir com a ação. Fiquei responsável pelo contato com a Secretaria e indiquei a maior possibilidade de ajuda naquele momento: uma lista com os nomes e telefones dos feirantes da cidade, o que facilitaria nossa busca. Infelizmente, fui informada de que a Secretaria não possuía uma lista do tipo, mas, que se o Grupo conseguisse

¹³ Disponível em <<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2020/05/29/veja-quais-cidades-de-alagoas-suspenderam-as-feiras-livres-e-onde-elas-ainda-acontecem.ghtml>> Acesso em 09 de outubro de 2020.

construir uma, havia interesse em recebê-la. Tal situação demonstrou, de forma escancarada, a falta de contato entre Prefeitura e feira. Não havia um número de representante, ao menos, para facilitar a ação do projeto Faz a Feira. Questionei-me: como, então, a Prefeitura contata os feirantes? Como se dá essa relação?

Em matéria recente¹⁴, publicada em fevereiro de 2021, a Prefeitura de Arapiraca informa que está realizando um cadastro dos permissionários de espaços públicos, dentre eles os feirantes. O texto conta que

“o cadastramento de todos os comerciantes que utilizam espaços públicos de Arapiraca já foi iniciado pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo e acontece no Mercado Público (para permissionários do local) (..) Para otimizar a ação e garantir a segurança nos dados fornecidos, um sistema foi desenvolvido pelo Grupo de Tecnologia da Informação (GTINFO) da Prefeitura. Nele estarão contidas as informações pessoais dos permissionários, assim como do próprio negócio, repassadas durante o cadastro.”

A matéria informa ainda que, de acordo com o coordenador do órgão, Roniclécio Firmino, o sistema será georeferenciado, o que permitirá que a prefeitura saiba a localização de cada comerciante. *“Isso vai possibilitar que saibamos sobre todos os permissionários de quiosques, boxes e feiras, além dos ambulantes que circulam pela cidade”*, explicou. Todos os permissionários de uso dos espaços públicos para fins de comercialização e serviços que englobam mercado, shopping popular, feiras e quiosques, além dos ambulantes que circulam pelas ruas da cidade, deverão fazer o cadastro.

A ação faz parte do programa Arapiraca Legal, que, de acordo com matéria publicada no site da Prefeitura¹⁵ em fevereiro de 2021, tem como objetivo tornar o comércio na cidade mais estruturado, seguro e forte. A ação do programa aconteceu em 10 de fevereiro de 2021. As Secretarias de Desenvolvimento Econômico e Turismo; e Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente iniciaram o Programa notificando permissionários do Mercado Público que possuem boxes fechados. A intenção é que esses espaços sejam abertos e atendam a população.

Em uma visita à feira no início do mês de março, mais precisamente no dia 01 de março de 2021, tive a oportunidade de questionar uma senhora, vendedora do

¹⁴ Disponível em <<https://web.arapiraca.al.gov.br/2021/02/gtinfo-cria-sistema-para-recadastramento-de-permissionarios-de-espacos-publicos/>> , acesso em 11 de março de 2021.

¹⁵ Disponível em <<https://web.arapiraca.al.gov.br/2021/02/arapiraca-legal-prefeitura-promove-acao-para-reabertura-de-quiocques-do-mercado-publico/>> Acesso em Março de 2021.

setor de peixes, o motivo de tantos boxes fechados dentro do mercado (imagem 13). A senhora, chamada Meirevânia, me disse que muitos vendedores do mercado não tinham onde guardar seus estoques, e, ao contrário do que parecia, aqueles boxes não estavam vazios, estavam cheios de mercadorias que alguns vendedores mantinham ali. Ela comentou ainda que alguns boxes eram divididos por 3 ou 4 feirantes, que colocavam seus produtos ali para reabastecer suas bancas e não precisar trazer, toda semana, os produtos - o que gerava um custo semanal alto.

Imagem 13: Ação da Prefeitura para notificar boxes fechados dentro do Mercado Público, em fevereiro de 2021.



FONTE: Pablício Vieira - ASCOM Prefeitura Municipal de Arapiraca, 2021.

Considero, dentro do Programa Arapiraca Legal, um interessante passo dado pela gestão pública municipal: o sistema que vem sendo construído, com dados e geolocalização dos feirantes, bem como com informações sobre os produtos

vendidos. Só é possível realizar ações de melhoria conhecendo cada vez melhor as pessoas que fazem a feira acontecer, suas demandas, necessidades e suas urgências. O trabalho que vem sendo desempenhado pela Prefeitura de Arapiraca necessita dar cada vez maior atenção a essas pessoas e à realidade vivida por elas, não engavetando dados ou os utilizando apenas diante de criadas necessidades de intervenção no espaço.

Aqui, neste trabalho, pretendo ir um pouco além. Acredito na construção de uma narrativa que trate de percepções acerca da necessidade de a feira ser planejada de maneira mais fluida. A feira solicita ações moventes, que dançam e se adequem ao provisório – seu caráter mais íntimo. A feira necessita de ações menos fixas, o oposto do que acontece em reordenamentos, movimentos de organização e mudanças trazidas pelo poder público municipal.

Percebo que, enquanto arquiteta e urbanista, quando olho para a Feira com F maiúsculo, construída nas notícias oficiais, em livros e regida pelas ações da Prefeitura, sou incapaz de pensar seu espaço dentro da cidade: ou quero higienizar, ou quero remover. Ou quero retirar, ajustar ou fixar. Folclorizo. Tomo decisões baseadas em normas técnicas, livros e em um aprendizado posto diante de mim ao longo de uma graduação em Arquitetura e Urbanismo – e não os invalido. Os considero, mas preciso me manter consciente de que, enquanto arquiteta, tenho dificuldade de entender a feira como ela é. Preciso vivê-la, e, por coincidência, há alguns bons anos, a vivo. Preciso viver essa feira para captar suas lógicas e não me prender à um constante categorizar que não funciona, que não a atende, não a contempla. Escapa das ações de melhoria, a melhoria.

O incômodo também mora na falta de tato do urbanista-arquiteto em trabalhar com os outros “fazeres” da cidade. Trago aqui um relato de janeiro de 2018. Já graduada em Arquitetura e Urbanismo, fui convidada por Teófanés Silveira, o Palhaço Biribinha, patrimônio vivo de Alagoas, para criar o projeto de seu Circo. Na ocasião, Biribinha havia vencido um edital que solicitava projeto arquitetônico e projetos complementares para que ele pudesse rodar o Brasil com sua lona e seu elenco. Aceitei, prontamente, mas, reforcei minha inexperiência com aquele tipo de desenho. Li bastante, procurei as leis e normas técnicas, mas o projeto só foi possível pois foi feito à quatro mãos: as minhas e as de Biribinha. Eu simplesmente não sabia, não conhecia as lógicas e as nomenclaturas de tudo o que faz uma lona de circo ser estendida com segurança e perfeição. Mas a minha inexperiência foi compensada

pelos mais de 60 anos de experiência de Biribinha. Trago este relato pois ele se comunica diretamente com minhas inquietações em relação ao saber-fazer a feira: o urbanista-arquiteto nem sempre terá as ferramentas para lidar com esses os outros “fazeres” da cidade, mas, aliado a quem a faz, como é o caso do feirante, se ampliam as possibilidades de construção de ações que atendam verdadeiramente as necessidades daquele espaço e daquelas pessoas.

2.4 Falando de Feira

Compreender a história da feira livre é analisar simultaneamente a cronologia da economia no sistema capitalista, pois foi no fortalecimento dessa estrutura econômica que as atividades comerciais possibilitaram a geração de riquezas e a ascensão de novas classes sociais como os mercadores que mais adiante formariam a burguesia.

[...] os mercadores empreendiam suas viagens de negócios, reunindo-se nas feiras, que eram pontos de comércio temporários. [...] Com isso, a terra deixava de constituir a única expressão de riqueza, aparecendo com destaque um novo grupo social, os mercadores. (VICENTINO, 1997, p. 137)

O desenvolvimento econômico em um determinado período e o crescimento de uma localidade estão, em muitas situações, agregados à implantação de uma feira livre, ou da setorização comercial de uma região. Pode-se notar isso desde a Idade Média, em que nos burgos os negócios com os produtos tanto de origem agrícola quanto os produzidos artesanalmente eram feitos a partir da troca dos excedentes da produção adquirida, aquele que tinha algo que o outro necessitava permutava para satisfazer a necessidade de consumo do momento.

Dewar e Watson (1990) tratam do sucesso das feiras a longo prazo como fator dependente da simplicidade da intervenção nos momentos de desenho e da implementação, o que ocorreu por exemplo, no início da Feira de Caruaru, pois sua localização e o início das atividades foram, de certa forma, ingênuos e espontâneos. Existem inúmeros relatos sobre a evolução de cidades que tiveram seus inícios marcados pela atividade mercantil e pela presença de uma feira, por estarem em rotas de comércio ou em situações geográficas benéficas. As primeiras feiras do Brasil, no século XVII, se desenvolveram da mesma forma que tantas outras na Europa. Foram instaladas em grandes pátios em frente a algum marco, como igrejas ou largos, rodeadas por inúmeras casas comerciais, vendendo os produtos da região. Sampaio (apud Reis Filho, 1968), em relato sobre a história da fundação de Salvador - Bahia,

destaca o forte papel da feira livre na determinação do comércio e na vida dos habitantes da cidade:

“Era nas feiras que se realizava o comércio regular de produtos agrícolas, mas sobretudo de pescado. Às feiras afluíam os vários produtos da terra e os de maior procura. A farinha de mandioca, pelas várias maneiras como os índios a fabricavam, a tapioca; as raízes comestíveis, aipins e batatas; o milho e o feijão; o mel da terra; as frutas indígenas, em que sobressaíam as bananas, os ananazes (sic), caju e maracujás; a caça grossa e miúda; os animais vivos trazidos à feira, pela estima que lhes davam os europeus, como os bugios e sagüis, papagaios e tuins; bom e variado como o número de aves canoras; o peixe e os mariscos abundantes, oferecidos por baixo preço, tudo aí se encontrava. Situavam-se as antigas feiras de Salvador na cidade baixa, junto à praia e na cidade alta, na praça principal. ‘Por facilitar o mercado, consentia-se que a feira realizasse à beira-mar, na Praia dos Pescadores, vizinha da ermida da Conceição’ (...).” (PÁGINA?)

Atualmente, as feiras além de centralidades nas quais há intercâmbio de mercadorias, ainda preservam o caráter de festividade, de lazer e de apresentação de novidades. São elas que promovem os encontros de relações urbanas e rurais, pois podemos dizer que é o ponto de interseção de produtos dessas duas áreas citadinas. Através dos produtos oferecidos nas feiras também é possível identificar o tipo de consumidor e seus costumes, que conseqüentemente são aspectos que apresentam a cidade. Percebe-se ainda que a feira estabelece uma dinâmica, provoca um fluxo de mobilidade e em alguns casos é por causa da existência dela que uma localidade é considerada uma centralidade urbana. Primeiramente, esclarece-se o que é uma centralidade.

Existem princípios gerais que regulam o número, tamanho e distribuição dos núcleos de povoamento: grandes, médias e pequenas cidades, e ainda minúsculos núcleos semi-rurais, todos são considerados como *localidades centrais*. Todas são dotadas de *funções centrais*, isto é, atividades de distribuição de bens e serviços para uma população externa, residente na *região complementar* (hinterlândia, área de mercado, região de influência), em relação à qual a localidade central tem uma posição central. A centralidade de um núcleo, por outro lado, refere-se ao seu grau de importância a partir de suas funções centrais: maior o número delas, maior a sua região de influência, maior a população externa atendida pela localidade central, e maior a sua centralidade.” (CORRÊA, 1989^a apud REIS, 2005, p.13)

Em Arapiraca, foi por meio da implantação de sua Feira livre que a cidade passou a exercer uma função central, fundamental na distribuição de bens e assim, ao atrair um quantitativo populacional que não habitava o município, fixou-se como uma localidade central. A convergência de feirantes e consumidores para a cidade

dinamizou em vários aspectos a área urbana que também centralizou e desenvolveu outros serviços oferecidos na cidade, transformando-a em um polo regional para o Agreste alagoano.

A Feira foi um dos fatores que contribuiu para que houvesse a cristalização da centralidade de Arapiraca, mas o comércio formal foi outro importante elemento para a cidade ser destaque no Estado. MACÊDO (2010, p.27), diz que as feiras livres são um complexo de relações sociais e econômicas que ocorrem dentro de um determinado espaço público. Apresenta relevância irrefutável principalmente no nordeste brasileiro. É a feira que muitas vezes representa a única fonte de renda de inúmeras famílias que, por vários fatores, permanecem excluídas do mercado de trabalho via empregos. A feira livre é, muitas vezes, uma das poucas alternativas de sobrevivência. Através da aglomeração de pessoas no dia da Feira um consumo em rede é gerado. Pessoas vêm fazer compras na Feira e acabam procurando outros serviços que encontram na cidade. Consomem serviços bancários, de alimentação, e outros relacionados ao comércio, à saúde, e ao transporte.

A relevância das feiras livres para a economia formal e informal de Arapiraca e de outras cidades circunvizinhas desperta o interesse em evidenciar as perspectivas da gestão e o planejamento municipal. As administrações, tanto Estadual quanto Municipal, ignoram sua força quando exposta como elemento gerador de renda e consequentemente de riqueza e também em seu aspecto cultural, por muitas vezes não investindo e nem a fortalecendo como um agente que poderia impulsionar diversos setores como o comercial, o de turismo e o de prestação de serviços, convergindo e acentuando ainda mais o fluxo de pessoas para a cidade.

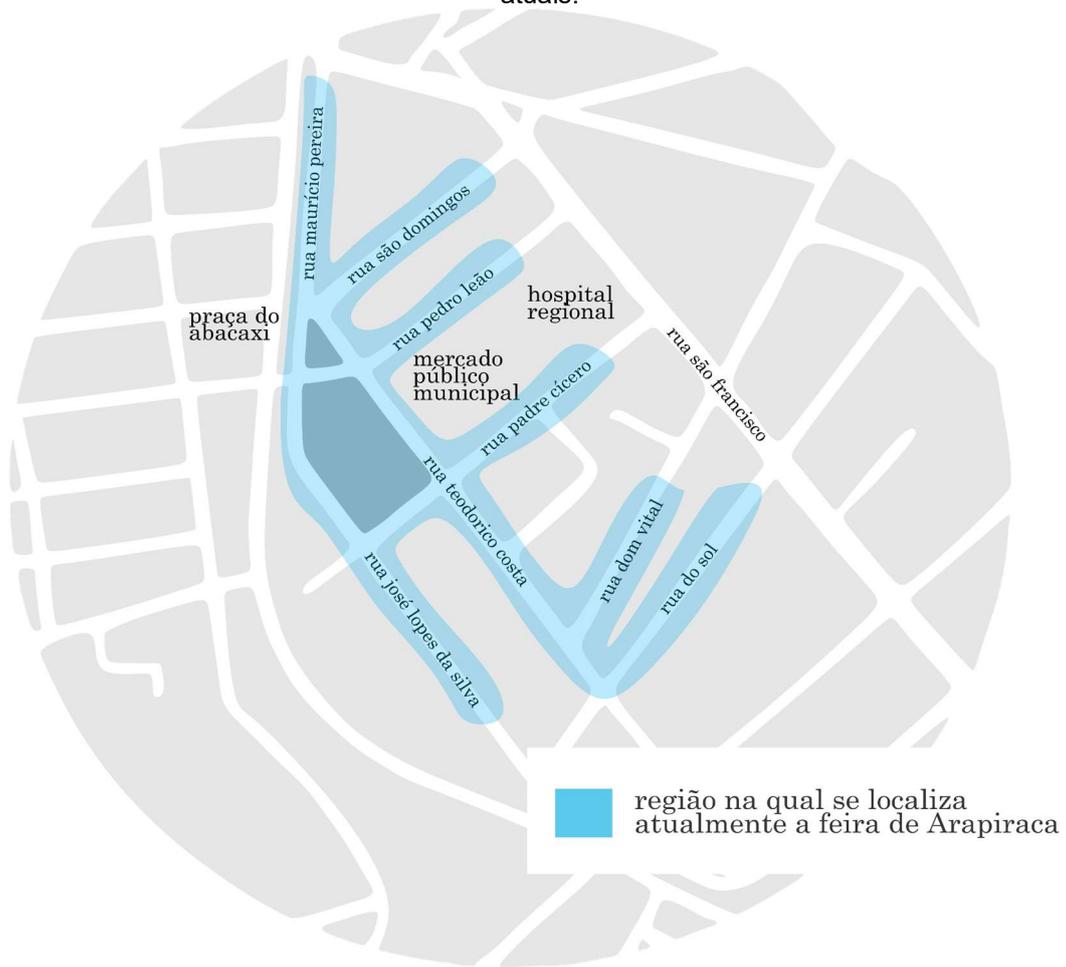
Uma situação que explicita a forma como o poder público municipal não agiu de forma planejada na reinserção da Feira, que mudou para o bairro Baixão, foi a demora na mudança dos pontos de transporte intermunicipal para a região. Foram cerca de 10 anos de ajustes e trocas até que a maioria dos pontos de onde saem e chegam vans e microônibus de transporte intermunicipal, se localizassem nas proximidades do Mercado Público e da Feira. Essa mudança, que ocorreu de forma lenta, trouxe implicações à forma como os feirantes e clientes acessavam a Feira. Em uma de minhas andanças, no ano de 2016, questionei como o Senhor Justino, vendedor de artigos de couro e sandálias, chegava até ali. Ele explicou que tudo se complicou com a mudança de localização da feira, há muitos anos, e a não-mudança de localização do ponto das vans que vêm de Craíbas, cidade onde ele reside. Com a mudança, o

senhor Justino precisava descer em uma região da cidade que distava cerca de 5 quilômetros de sua banca na feira, e ali ele pagava um rapaz com carro de mão para levar seus produtos. Senhor Justino comentou que não havia como guardar suas mercadorias no mercado e ela precisava trazer e levar o que não era vendido, todas as semanas. Isso lhe gerava um custo que fazia com que o “apurado” do dia não compensasse tanto.

A Feira livre de Arapiraca pode ser considerada um dos pilares para o fortalecimento e progresso da cidade, pois foi dela que se irradiaram várias referências sociais, culturais, econômicas e urbanísticas. Compreendo a Feira livre como paralelamente ligada à história da cidade, contribuindo para a ascensão e o desenvolvimento do município. Compreendo ainda que, na ocupação e no crescimento do município de Arapiraca, as atividades econômicas de agricultura e do comércio formal e informal definiram o caráter comportamental da população que habitava até então, as zonas urbana e rural estavam presentes, já que era perceptível encontrar plantações agrícolas e criação de animais em áreas definidas como perímetro urbano e se entender como o pequeno agricultor dependia do comércio no centro urbano para sua sobrevivência.

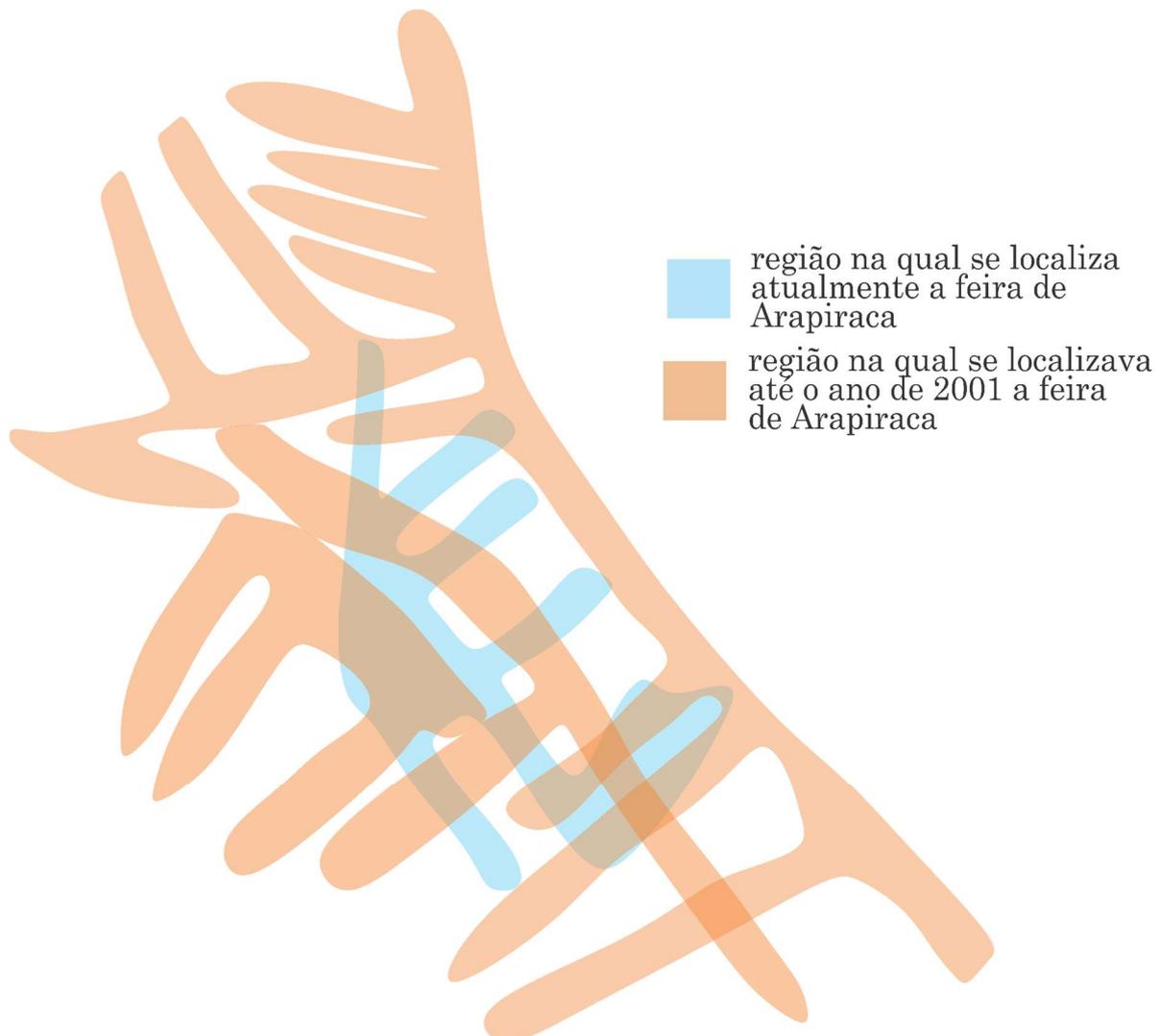
A Feira de Arapiraca acontece atualmente nos arredores do Mercado Público Municipal e condensa-se ao longo da Rua Teodorico Costa, rua principal deste mercado. Todo o quarteirão do Mercado Municipal é envolvido por bancas, ambulantes e carrinhos de mão, às segundas-feiras, inclusive as ruas que o circundam. Existe uma praça localizada no início da Rua Teodorico Costa, chamada Praça do Abacaxi, onde também acontece a Feira (ver Mapa 5). Para que seja possível uma maior compreensão acerca da escala atual da Feira de Arapiraca diante da escala de outrora, quando a mesma era considerada a segunda maior Feira do Brasil, criei uma ilustração que sobrepõe os mapas da feira até o ano de 2001 e da feira que acontece nos dias atuais (ver Mapa 5).

Mapa 5: Região na qual se localiza a feira de Arapiraca desde o ano de 2002 até os dias atuais.



FONTE: Adaptação da plataforma Google Maps feita pela autora, 2021.

Mapa 5: Sobreposição de manchas que representam a dimensão da feira até o ano de 2001 e após sua remoção e reinserção, até os dias atuais.



FONTE: Ilustração criada pela autora, 2021.

A região onde a feira se localiza, principalmente a Praça do Abacaxi, é alvo de muitas reclamações por parte da população, pelo trânsito caótico, excesso de mercadorias espalhadas de forma considerada por eles desorganizada, o que é piorado às segundas. A praça (Imagem 14) fica em um cruzamento que divide o bairro do Centro do bairro Baixão. Essa praça é palco de uma série de conflitos, pois são muitos os feirantes que a ocupam e que convivem com a ameaça de serem retirados permanentemente desse espaço pela Administração Municipal, por conta da situação do trânsito na região.

Imagem 14: Praça do Abacaxi, no Bairro Baixão.



FONTE: Prefeitura de Arapiraca, 2022.

As ruas nas proximidades do Mercado Municipal, ficam extremamente cheias de veículos que transportam as pessoas. Essa alteração no fluxo de transportes nas regiões próximas às ruas que acolhem as negociações quebra a regularidade do trânsito dos outros dias da semana, de maneira institucionalizada (ver fotos 15 e 16 - Placas de mudança na permissão de fluxo de veículos às segundas-feiras), o que torna o dia da feira singular e inconfundível. As fotos foram tiradas por mim.



**EXCETO ÀS
SEGUNDAS
FEIRAS**



**EXCETO
ÀS SEGUNDAS
FEIRAS**



Verduras e frutas de vários tipos, hortaliças, queijos, cereais – arroz, feijão e farinha, entre outros – CDs, DVDs, roupas, calçados e uma infinidade de outras coisas são expostas nas velhas bancas de madeira. Pequenos aparelhos eletrônicos – rádios, relógios, calculadoras e muitos outros –, brinquedos, cintos e bolsas. Pastéis, coxinhas, tapiocas, biscoitos, sucos, refrigerantes e cachaças de várias cores e sabores encontram bocas famintas, que quando não podem consumi-los ali mesmo, levam para casa - eu raramente saio da feira sem uma tapioca. Apesar de existirem pequenas zonas de concentração de barracas e lonas com mercadorias afins – como no caso das verduras e das confecções –, os limites não são nítidos, não são visíveis como se houvesse um traço demarcado no chão. Não há uma separação espacial ordenada, a depender do produto vendido. As “gentes” se misturam às coisas, compondo uma paisagem única (ver fotos 17, 18, 19, 20, 21, 22).













Todas as fotos foram tiradas por mim, e à medida em que andava e fotografava, eu refletia. Os produtos vendidos no chão deixam claro que a feira não é feita somente de bancas. A feira está espalhada e é impossível dizer exatamente onde ela começa e onde termina. Estar dentro ou fora da feira depende do ponto de vista, e eu sinto que já estive em tantos pontos, de tantas formas, que qualquer ponto pode ser seu começo ou seu fim. Como uma teia, um emaranhado, a feira se espalha de modo desordenado, criando uma interessante paisagem de emaranhados, uma “estética da desordem” (ROCHA, 2008). A feira tem múltiplas entradas e saídas, instala-se por ruas, cruzamentos, esquinas, praças, largos e calçadas. Essa configuração da feira reverbera um traço peculiar à cidade, pensada por Deleuze e Guattari (1997) enquanto multiplicidade que se define por sua capacidade de estabelecer fluxos, passagens, ligações entre circuitos, funcionando a partir de entradas e saídas, de linhas horizontais que criam frequências variadas.

As feiras populares persistem hoje através de diferentes formas de articulação e de sua capacidade de organização. Entretanto, quando se trata das feiras tradicionais presentes nas diversas cidades do interior nordestino, as ações de gestão públicas, norteadas por uma perspectiva que não as insere como parte da dinâmica urbana, acabam sendo impeditivas. Constantemente ameaçadas, as feiras permanecem, como é o caso da Feira de Arapiraca, e algumas delas vão além, tornando-se referências culturais de suas cidades e Estados, como é o caso da Feira de Caruaru.

Algo que a mim é claramente necessário, porém não acontece, é o diálogo entre os agentes do poder público e os agentes da feira: pessoas que a fazem acontecer. Em todos os cenários de mudança, remoção, ajustes, reinserção da feira na cidade, as decisões já chegam até os feirantes tomadas. Elas consideram um reordenamento da cidade que não consulta quem a vive, diariamente. Em diversas matérias no site da Prefeitura de Arapiraca estão ações de reordenamento das atividades de ambulantes e feirantes. Uma matéria¹⁶ que me puxou a atenção tratava de uma ação para tornar fixos os vendedores ambulantes da cidade, em boxes no Mercado Público. Ora, nesses casos o que faz a venda acontecer é a itinerância, o andejo do vendedor. Ao movimentar-se pela feira ou pela cidade, ele vende. Fixá-los

¹⁶ Disponível em: <https://web.arapiraca.al.gov.br/2021/08/vendedores-ambulantes-tornam-se-fixos-em-boxes-de-espacos-publicos/> Acesso em 19 de setembro de 2021.

em boxes dentro do Mercado Público pode ser um fator que os afastará de seus clientes, das lojas por onde passam e vendem diariamente. A matéria se inicia com “uma nova realidade nas ruas do Centro de Arapiraca, com mais mobilidade urbana, acessibilidade e vias limpas.” Isso me faz questionar a quem é dada a prioridade dentro do centro urbano: aos carros e sua mobilidade dentro da cidade ou às pessoas, dentre elas, os ambulantes? A matéria funciona como uma chamada para o cadastro, e continua dizendo que “essa mudança se deu após estudos da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo, que percebeu no reposicionamento desses profissionais, uma oportunidade maior de fluxo logístico e de retorno financeiro garantido para cada um deles.” Ao final do texto está o endereço do Centro Administrativo, onde os interessados devem comparecer. Me questiono acerca dos estudos realizados pela Secretaria e se eles consideraram a opinião dos vendedores ambulantes.

Há na feira um nomadismo da cidade, que fica explícito na sua pluralidade de processos e atores. “[...] a emergência da cidade envolve um nomadismo. Ela precisa ser um ímã para estranhos de toda sorte que vão povoar esse espaço de constante movimento, esse campo atravessado por trajetórias e em expansão horizontal” (CAIAFA, 2007). A cidade é pensada enquanto espaço de circulação intensiva e de dispersão contínua, que caracterizam, de certa forma, uma espécie de nomadismo propriamente urbano. São as passagens variadas, os deslocamentos casuais, os deslizamentos pela superfície urbana que vão, nesta perspectiva, marcar a experiência da cidade. O espaço produzido na feira se apresenta como facilitador de uma multiplicidade de conexões, como uma encruzilhada de narrativas pessoais e da cidade e, ao mesmo tempo, pode ser atrelado à função magnética, pois coisas e gentes, atraídas pelo movimento das manhãs de segunda-feira, circulam intensamente por entre os corredores que se improvisam no meio da rua.

A palavra feira vem do termo latino *feria*, “dia de festa”, e esse sentido mantém uma proximidade com os aspectos festivos presentes nessa experiência da cidade. Ela atrai pessoas de vários lugares para povoar o espaço inquietantemente, numa efervescência própria e singular, marcando uma temporalidade de festa. Pensar a feira me leva a pensar como esse acontecimento urbano coletivo se relaciona com a ideia de festa. Como aponta Bakhtin (1987), a praça pública na Idade Média convergia expressões da vida que se efetuavam numa “exterritorialidade” em relação à ordem vigente, pois permitia que elementos da linguagem popular se colocassem num

território próprio, constituindo um efêmero mundo alegre em meio às trevas medievais.

A feira tem corpo, e, como um espaço público efetivo que é, nela acontecem negociações e sociabilidades plurais que traduzem a cidade. Percebo que esse espaço urbano se dá enquanto plano de relações múltiplas e de intensas trocas, onde a heterogeneidade dos modos de vida e a diversidade de trajetórias sociais são aspectos preponderantes. Esta pesquisa enfatiza, para mim, as relações de sociabilidade, a estética peculiar desse “espaço vivido” e a criação de ritmos próprios que se inscrevem na dinâmica temporal e espacial da cidade, o que indica que a experiência contemporânea da feira livre configura importantes arranjos sociais que tangenciam a constituição de territórios urbanos coletivos.

2.2 Sentidos aflorados: a feira fala, exala e mostra

As flores me tocam a memória – ao sentir seu cheiro, tocam-me as lembranças do altar das missas festivas e dos velórios pelos quais passei. Tocam-me o cheiro da flor e o cheiro do peixe. Toca-me o cheiro da carne fresca, me causando certa repulsa também a imagem das partes do corpo de um porco. Me sinto alcançada pelo cheiro da tapioca fresca, me sinto encantada pela imagem das bancas de verduras muito bem organizadas e me sinto persuadida pelas palavras cantadas por um vendedor de espanadores, objeto do qual há tanto precisava e nunca lembrava de comprar. Ali mesmo compro, dali mesmo sigo. Me toca a voz alegre de quem me aborda, o cheiro gostoso do milho que está sendo descascado ali, na hora, e me chama atenção a composição colorida de caixotes amontoados numa esquina. A feira me toca na memória, no olfato, na visão, audição e paladar. A experiência desvelada na feira é margeada por cores, sons, cheiros, sabores e texturas apreendidos por meus sentidos.

É muito comum que os feirantes chamem a atenção dos passantes e fregueses de diversas maneiras, e as estratégias mais utilizadas estão ligadas às expressões orais que variam extraordinariamente. Ao passar diante das barracas ou lonas abertas no chão e apinhadas de mercadorias, alguns feirantes sempre tentavam chamar a minha atenção, oferecendo alguma coisa. Duas frases que aparecem com muita frequência são: “pode dizer aí freguesa!” e “vamo ver alguma coisa hoje amiga?” Acontece um jogo de palavras, uma variação da língua, que parece se concentrar

intensamente nos aspectos sonoros e musicais das enunciações. Essas atuações orais utilizadas para atrair atenções carregam uma veia cômica que se expressa em diversos momentos, pois as brincadeiras dos feirantes são frequentes no dia-a-dia da feira.

- Olha a vassoura freguesa. **É três por vinte reais.**
- Quero não hoje.
- **É quatro por vinte reais**, mulher!
- Não, hoje não.
- **É tudo por cinco reais!** [O feirante ri com muita estridência nesse momento.]

Acima, um breve diálogo, presenciado nas minhas andanças, entre um vendedor ambulante de vassouras de piaçava e uma freguesa. No convívio com Mary, filha de Gilvânia – ambas têm uma banca de verduras e frutas há quase 16 anos – percebi que ela produz um modo de enunciação que vai se repetindo e ganhando diferenciações pequenas. A entonação dessa enunciação é bem diferente das entonações da sua fala durante as conversações comigo e com os fregueses. Trata-se de uma musicalidade, de uma criação enunciativa que se põe para além da semântica e que se conecta com a paisagem da feira, com a arrumação de suas frutas e verduras.

“Oia o mamão **minha senhora**. Mamão compridinho, doce demais. Oia o mamão! [pausa] Oia a banana, tem prata, tem anã, tem banana maçã, docinha demais. [pausa - entrega uma bacia a uma cliente] Tem tomate maduro e tomate verde, pra todo gosto, coentro cheiroso, alface do durinho. [pausa] **Chega, mulher**, chega comprar que tá na hora de ajeitar almoço.”

As frases eram ditas muito rapidamente, e sempre se repetiam, com algumas variações, em todas as vezes que acompanhei as atividades de Gilvânia e Mary. Próximo ao local onde se localiza a banca desta feirante, às segundas, há uma lanchonete, cujo proprietário desenvolve uma curiosa performance para chamar os fregueses. Ele grita: “umbora comer gente!” Os gritos se repetem e ganham entonações singulares. Essa performance oral varia menos perceptivelmente do que aquela produzida por Gilvânia. Os gritos desse feirante – “umbora comer gente” – disparam uma comicidade própria, que multiplica muitas gargalhadas pela feira. Um vendedor ambulante, que circula com panos de prato decorados com os dias da

semana, também desfere enunciações e músicas muito interessantes. Primeiro ele libera um forte grito: “paaaaaaano de praaaaato!” Gritos altíssimos, que carregam uma entonação proposital e um leve riso que contempla o objetivo alcançado: todos olham para ele. Depois, este feirante ambulante canta trechos de alguma música em tom de alegria com o momento, ainda que sob um sol escaldante: “Tá que tá que tá gostoso, tá, é, muito legal”.

Nas performances sonoras do vendedor de panos de prato e do rapaz da lanchonete um forte traço cômico. Após os gritos, vários fregueses, passantes e feirantes, expressavam risos e gargalhadas e comentavam algo ligado ao enunciado-grito. Era um *stand-up comedy* no meio da feira. E eles continuam, repetidas vezes, a gritar seus enunciados. Até que num “umbora comer gente”, uma mulher que passava falou: “Aí fica difícil. Comer gente, Deus que me livre meu filho [risos]”.

Essas performances sonoras sempre interferem no movimento da feira, afetam de alguma maneira aqueles que passam por perto. Alguns passantes e fregueses, quando se aproximam da lanchonete, simulam os gritos de seu “locutor”, numa interessante relação lúdica. Bakhtin (1987) afirma que a propaganda popular sempre foi brincalhona, sempre gracejou de si mesma. Aponta que a linguagem subversiva da praça pública na Idade Média criava uma alegre língua especial e uma “liberdade de expressão”, sobretudo nos dias de feira, de festa e de carnaval. Pensando nessa possibilidade de invenção expressiva, percebo que a feira se constitui como espaço de abertura para manifestações das mais variadas possíveis, estendendo um território partilhado e coletivo.

As performances de muitos feirantes exprimem a jocosidade com menos intensidade. Os enunciados expressos por eles têm uma duração temporal mais longa e não são gritos propriamente ditos. São oralidades que se distribuem em ritmos contínuos, sem muitas variações de tom. Os sons da feira constituem uma narrativa à parte, uma fragmentação sonora que constitui um território, o território dos sons.

Por essa perspectiva, um território se estende e se afirma quando os ritmos se tornam expressivos. Ou seja, há territorialização quando as matérias de expressão compõem um ritmo, também expressivo. As excêntricas performances orais dos feirantes colocam-se como uma música só, que cria uma territorialidade na feira que dá consistência ao plano em que acontecem as atividades. Os gritos e anúncios em alta voz enxameiam a feira com ritmos singulares, evocando uma territorialização, um

dimensionamento existencial que cadencia o caos, sempre em vias de abertura, do meio de expressão.

A partir dessa percepção, apreendo que a atmosfera sonora produzida por alguns feirantes desempenha uma “funcionalidade” e explicita simultaneamente dimensões estéticas que não são necessariamente “úteis”. Essa estética presente nos sons dos feirantes traz, para o território que se produz, processos criativos que levam a experiência da feira livre a ultrapassar os limites da “utilidade” econômica. Ao mesmo tempo em que a função de atrair os fregueses se dá, colocam-se em jogo tessituras diferentes, outras coisas, como, por exemplo, o lado cômico e debochado das performances orais que se desdobram para outros feirantes, para fregueses e para passantes. Há uma maneira leve de viver a feira, uma forma de lidar com o peso de um saco cheio de panos de prato, subindo e descendo ruas.

A feira é um espaço de sensações e essas sensações são tomadas pelos sons dos metais e madeiras provocados pelas mãos que fazem a “montagem e desmontagem” da feira, os gritos jocosos dos feirantes, o olhar que contempla a beleza das bancas arrumadas, o cheiro que se mistura a outros tantos, tudo isso compõe a uma estética única.

É fácil perceber em uma esquina, mas vai se tornando difícil conforme você caminha por uma cidade: o cheiro, apesar de ser um estímulo fundamental, é muito mais difícil de quantificar do que outros estímulos sensoriais como som ou luz. O cheiro pode ser compreendido como um fenômeno cultural, historicamente significado, determinando e/ou transgredindo estruturas sociais, criando outros laços – nomeando poder ou não às pessoas. A percepção do cheiro consiste não apenas na sensação dos odores propriamente ditos, mas nas experiências e emoções associadas aos mesmos. Os cheiros são investidos de valores culturais e podem ser compreendidos como um modo de significar – um modelo para definir e interagir com o mundo. Para Haque (2004), as pessoas em suas experiências olfativas podem ter a habilidade de organizar experiências espaciais, e então, significar modos de comportar-se no mundo.

É difícil representar cheiros e fedores da feira, demarcar espaços pelos quais eles se instalam. Alguns cheiros me acompanhavam por toda a feira, como era o caso do cheiro de café que alguns feirantes transportavam em seus carrinhos, junto de pastéis e coxinhas. Outros cheiros me incomodavam, como o cheiro do peixe, e o meu caminhar se tornava apressado, fugitivo. Os cheiros das barracas de temperos e

entre o ambiente e o homem causa marcas em ambos, ele também exprime a capacidade dos lugares terem imagens que correspondem à essa relação.

O espaço possui diferentes imagens ao longo do tempo – no caso da feira, esse espaço muda a cada hora, de acordo com as chegadas e saídas, com o movimento do sol e da chuva. Essa mudança de imagem também pode ser relacionada às diferentes forças produtivas, materiais e imateriais que Milton Santos inseriu na citação exposta anteriormente, pois o autor exprime as diferenças dadas ao grupo, o conhecimento técnico de cada grupo e os materiais disponíveis também são aplicados na construção do espaço.

A criatividade popular e a invenção são importantes ferramentas para reconstruir a materialidade da feira e contornar as dificuldades. Cabe ao feirante usar da estratégia e da perseverança para reinventar, adaptar e persistir: arranjos, amarrações e muita criatividade tornam o fazer popular (e o reconstruir) um importante elemento simbólico de luta e persistência popular dentro da feira. Não é incomum encontrar uma banca posicionada de forma diferente, com elementos incomuns inseridos em sua estrutura, com apoios para uma melhor sustentação. São as lógicas que os feirantes bem conhecem e se utilizam para fazer sua feira acontecer.

A Feira de Arapiraca configura-se com um espaço coletivo de negociações e de relações comuns, que povoa as ruas, atrai fluxos de pessoas e coisas, inscrevendo traçados peculiares que interferem nos modos de subjetivação produzidos nos encontros, nas conversas e nas narrativas que se instalam por entre feirantes, fregueses e passantes. Entretanto, a feira acolhe também pequenos embates cotidianos que se tornam quase invisíveis, como os desentendimentos não raros entre feirantes e fregueses durante uma negociação, além dos pequenos furtos e brigas que por vezes acontecem nos entremeios desse espaço.

O contato com as ruas nos dias de feira se dá de maneira singular, diferenciando-se muito do modo de experienciar esses espaços nos outros dias da semana. O dia de feira interfere na dinâmica dessa cidade, alterando o trânsito de veículos, aumentando o fluxo de pessoas pelas ruas e intensificando o comércio – não apenas para os feirantes –, o que faz a circulação econômica ganhar um volume muito maior do que nos outros dias. Para apreender algumas configurações da feira de Arapiraca e as alterações que ela introduz na própria cidade foi preciso levar ao extremo o ato de estranhar o cotidiano desse espaço, o que possibilitou a criação de

outras maneiras de se perceber as corriqueiras relações do dia-a-dia na urbe que, às vezes, tornam-se quase inapreensíveis e envoltas pela opacidade. Esse ato de estranhamento das superfícies coletivas do cotidiano da feira encontra ressonâncias naquilo que Pierre Clastres (2004) chama de capacidade de surpresa, traço que segundo o autor seria indispensável em qualquer trabalho de cunho etnográfico.

A multiplicidade de expressões na feira livre me força a pensar a questão de como se criam espaços públicos nas malhas das cidades contemporâneas. Falo em criação, pois não concebemos o espaço público como uma entidade pronta, que existe com uma realidade dada, externa às interferências daqueles que constituem a cidade e que são constituídos por ela. Nesse sentido, afirmamos que só é possível vivenciar um espaço público efetivo quando a cidade é tomada em sua potência coletiva de expressão, que nada tem a ver com as práticas de privatização cada vez mais frequentes nos planos urbanos. Essa experiência de pesquisa me levou ao encontro de modos de relação, com o espaço e entre os próprios atores do cenário citadino, que disparam essa potência fundamental para que os lugares sejam apropriados e inventados de maneira aberta e partilhada.

3 POR UMA ARQUITETURA DE PÉ NO CHÃO: APRENDENDO COM A FEIRA

3.1 A memória do espaço para além do que é fixo

A feira de Caruaru, em Pernambuco, foi registrada no livro dos lugares, como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Baseada na noção de salvaguarda, mais ampla que o tombamento do Patrimônio Material, tal noção prevê não apenas a manutenção do bem registrado, mas se abre enquanto reflexão para compreender a própria construção de memória sobre uma referência como ação de salvaguarda. Pensar numa referência cultural como algo a ser registrado, e não tombado (tornado permanente, ainda que o duplo sentido da palavra tenha sido uma compreensão também muito significativa no campo do patrimônio – deixar tombar), certamente se aproxima de uma compreensão de memória mais maleável, aberta e capaz de incorporar as mudanças.

A construção das camadas da feira faz da memória uma de suas marcas de historicidade, mesmo que a evocação se baseie em um relato muito particular apoiado em uma lembrança vaga, uma memória confusa, um pensamento distante. Por outro lado, mesmo lidando com a mudança no tempo, a história da feira pressupõe também uma durabilidade, um reconhecimento sobre o acontecido, não só para o presente no qual se inscreve, mas sobre um futuro que ainda não se realizou.

Compreender o espaço da Feira e das feiras, significa, antes de tudo, buscar ter o entendimento de que esse espaço se encontra inserido em um contexto carregado de signos, representações e relações sócio-espaço-temporais. Significa, com ainda mais força, que somente através de olhares presentes dentro deste contexto podemos analisar, entender e “decifrar” as relações construídas, destruídas e/ou reconstruídas.

Ao pensar nas feiras como um desses espaços, conseguir dar início à uma compreensão de que eles participam da vida comunitária de populações locais de forma mais complexa do que unicamente através das relações de produção, compra e venda neles encontradas. Compreendi, dentro desta ótica, que sua função social e comunitária vai além de suas funções econômicas de escoamento da produção agrícola, artesanal e industrial, o que significa dizer que ali as transações econômicas estão correlacionadas a diversos outros fatores e arranjos socioculturais.

Tomando por espaço preferencial as ruas do centro dos municípios, as feiras bordam as áreas urbanas com os povoados em seu entorno. Constituem uma

centralidade que ultrapassa o comércio, mas não prescindem dele e por esse motivo também garantem a sobrevivência e a circulação de mercadorias e saberes (DIAS e OLIVEIRA, 2020).

Entre registros, anotações e rabiscos, a construção da história dessa feira é, na verdade, em grande parte acessível pelo esforço da imaginação. À medida em que escuto sobre ela, crio cenários, atrelados a recortes de minhas lembranças, uma vez que se trata de uma experiência que se passou no tempo do já acontecido e não necessariamente vivido, sendo que pelo seu próprio caráter mutável não é fácil historicizar os espaços da feira para além das grandes ações institucionais. Mas, mesmo assim, essa história da feira se apresenta como uma pedra que atravessa o tempo, a fixar os acontecimentos pela narrativa escrita, pelas fotos, pelas memórias e a dotá-los de permanência. E é dentro deste contexto que a memória traz à tona o testemunho. Aquele que rememora carrega consigo o pequeno milagre e a alegria do reconhecimento, como lembra Ricoeur (2000).

Encontrar em minhas memórias e nas de minha família a história da feira só é possível mediante um esforço mental e subjetivo, no qual discursos e imagens dotados de sentido reconfiguram um tempo que já passou. Horas com confusão, horas com muita clareza. Rememorar a feira do passado implica, de uma certa forma, não apenas registrar lembranças, relatar fatos, celebrar personagens, reconstruir, reabilitar ou restaurar conversas. A busca por entender o passado implica em ir além desta instância, para os domínios do simbólico e do sensível, ao encontro da carga de significados que aquela feira abrigou em um outro tempo. Importa – e muito – fixar imagens e discursos que possam conferir um conjunto de sentidos e de formas de reconhecimento daquele espaço. Importa entender as lógicas, as motivações.

Assim pode se dar a construção de um pertencimento, composto não apenas pelos registros do mundo material, dados a ver, tangíveis, à disposição do passante, como também aqueles advindos da esfera do imaterial, depositados na memória, nas tradições, na rememoração das vivências passadas, no mundo das coisas ditas e também das não ditas. Ou seja, se faz importante essa coleta de registros de uma outra época, testemunhos e traços de diferentes percepções que possam dar conta das transformações desse espaço da feira.

Mas este tempo transcorrido implica em desgaste objetivo das formas que se inscrevem no espaço urbano, tornando-as, por vezes, irreconhecíveis ou irrecuperáveis. A passagem do tempo modifica o espaço, onde as práticas sociais

relacionadas ao consumo e a apropriação do território não só alteram as formas do urbano como também a função e o uso do mesmo espaço, descaracterizando o passado da cidade.

Neste contexto, me sinto enfrentando o desafio do tempo físico e do tempo social, buscando ver, no presente, um pouco da feira do passado que se apresenta, com frequência, em relances por tudo que já li e troquei sobre ela, dentro do espaço da feira de hoje. A sensação de trabalhar com o espaço da feira me remete ao trabalho de um arqueólogo que tem à sua frente uma cidade da qual, aparentemente, não existem mais traços. Tarefa difícil, sem dúvida, que faria do investigador do passado das cidades quase um arqueólogo, um detetive. Assim, só se pode resgatar o tempo escoado no espaço da cidade através de uma atitude deliberada e de um esforço da imaginação, que chama a si toda uma carga de referências acumuladas, capazes de criar este olhar especial, que possibilita ver além daquilo que é dado a ver. A situação me faz pensar em Ítalo Calvino e em uma de suas “cidades invisíveis”, espécie de cidade fantasmática onde o passado apenas se insinua por indícios quase imperceptíveis.

Se por um lado a dimensão histórica da feira pode ser interpelada por essa incompletude fundamental que põe em debate a questão da memória e da história, seus registros e suas dinâmicas de transformação, há outro ponto fundamental a ser colocado em cheque: a própria compreensão da feira como espaço material ou imaterial. Segundo o Iphan a feira é entendida como lugar, mas dentro do campo do Patrimônio Imaterial. Por outro lado, o arquiteto e urbanista ao planejar os espaços da cidade muitas vezes se coloca como quem projeta espaços materiais apenas.

Na incursão pela feira percebi a importância da dimensão imaterial relacionada à questão patrimonial. Como uma herança que atravessa séculos, a prática ocidental de preservação mantém-se fundada na conservação do objeto, de sua autenticidade e na chancela legal como bem tombado. Aspecto que direciona muito dos trabalhos de intervenção em preexistências a mera ação cosmética e imagética, diretamente atrelada ao marketing urbano e turístico. Um dos efeitos perversos da indústria patrimonial, como pondera Choay (2006, p.226). No caso das feiras livres as duas camadas – imaterial e material – parecem entrelaçadas de maneira constitutiva, deixando claro (para além de tratar apenas das feiras) a insuficiência de tal classificação.

Não é possível se desprezar as tantas atividades presentes nas feiras e mercados para além dos interesses econômicos, tampouco considerar os frequentadores desses espaços como pessoas com racionalidades e intencionalidades estruturadas exclusivamente no uso do espaço físico, tangível, tocável. Braudel encontra casos nos quais se busca na feira exclusivamente o divertimento, a música, a experiência.

Na Aquitânia, boiadeiros e trabalhadores rurais vão à feira simplesmente à procura de divertimentos coletivos: Partiam para a feira antes do nascer do sol e regressavam noite fechada, depois de se terem demorado nas tabernas pelo caminho. (1998, p. 72).

Os mercados e feiras, como espaços livres e públicos, são aqueles, entre outros, onde as dinâmicas sociais e culturais fluem de forma espontânea e intensa, principalmente pelo grande fluxo de pessoas e atividades diárias. *“Tem-se dito muitas vezes que as feiras são mercados atacadistas, entre mercadores apenas. Isso é apontar-lhes a atividade essencial, mas ignorar, na base, a enorme participação popular. Todos têm acesso à feira”* (BRAUDEL, 1998, p. 72).

Na formação do arquiteto e urbanista, a ênfase sobre essa condição é de extrema importância para o entendimento das feiras como patrimônio, por serem parte da vida comunitária de maneira mais complexa do que unicamente através das relações de produção, de compra e venda. Estar na feira. Viver a feira. Interagir com as pessoas da feira. Tudo isso mostrou a importância na transmissão das tradições vividas e dos saberes juntamente com a materialidade de suas rígidas bancas de madeira. Isso se correlaciona a diversos fatores e arranjos socioculturais e, como discute Braudel (1996), marcam o lugar simbólico que concilia a vida urbana e o produtor rural às necessidades da modernidade e os fazeres da tradição.

3.2 Se planeja o movimento?

Outro ponto que se impõe na feira é a necessidade de lidar com o movimento. Como já citado anteriormente, há intenção por parte da prefeitura de Arapiraca de cadastrar e fixar ambulantes da feira, como forma de “organizá-la”. Ainda que a própria espacialidade das feiras livres lide com as modificações, rearranjos e adequações cotidianamente, sua dimensão dinâmica atravessa de modo crucial os ambulantes e suas práticas.

Considerando que os sujeitos podem ser marcados ao longo de suas vidas, por identidades diversas, que se aglutinam e se distanciam conforme suas vivências e seus modos de conhecer o mundo, há que se tomar o feirante ambulante, no espaço da feira de Arapiraca, para entender como seu corpo, um espaço de leitura em diáspora, mobiliza-se e é mobilizado por discursividades. Quais as “suas falas”, “seus cantos” e “seus lugares” de venda? Em que espaços e figurações seu corpo se presentifica e se mobiliza? Que verdades/histórias se repetem? Que verdades o alimentam? Quais os “seus modos” de ler o mundo, as pessoas, os caminhos percorridos? As questões que surgem são muitas.

O ambulante, muitas vezes, é tido como incômodo nas calçadas e frentes de lojas comerciais, escolas e igrejas. Dentro do próprio espaço da feira, o ambulante se apoia, se protege, se movimenta de acordo com o clima, com a demanda. É visto como diferente, mas não é respeitado nesta diferença. É feirante, mas ao mesmo tempo não é visto como tal. Ele vai atravessando espaços que muitas vezes são proibidos. O ambulante se movimenta para vender, suas formas de organização e de planejamento do fazer feiras cotidianamente é fluida, destacando as caminhadas pelas cidades e extrapolando o dia de feira. Em dias de festas, ali está ele. Se tem vaquejada, o ambulante ali está. Nos carnavais, nas procissões e mesmo nos dias comuns, ele de certa forma faz feira.

Circulação pode ser uma das palavras que caracterizem a figura dos ambulantes nas feiras e que, simultaneamente, ajuda a sua análise por ser de fácil observação. Os ruídos, movimentos, as agitações são completamente nítidos e compartilhados por todos. “O ruído das feiras chega distintamente a nossos ouvidos” (BRAUDEL, 1998, p. 12).

Dentro deste conjunto de questões e pensando nos saberes comuns às pessoas que passam e aos espaços eleitos para o fazer feiras, o corpo também pode ser lido, denunciando aproximações e distanciamentos dos saberes e dos poderes que constituem as relações entre os feirantes e os demais comerciantes da cidade. Se a feira e sua espacialidade desmontável, efêmera e fixa ao mesmo tempo, já traz à tona uma série de questões sobre as espacialidades urbanas, o ambulante aparece no contexto de feira como ainda mais interpelado pelo movimento.

Parece importante entender como o corpo do feirante ambulante está posicionado diante daqueles que já estão fixados nas lojas que estão no entorno da feira e dos próprios feirantes em suas bancas, que reclamam daqueles que

“atrapalham” o acesso aos seus estabelecimentos, o fluxo de seus clientes; como acolhem e conquistam seus clientes nas passagens apressadas; em que condições competem, em seus saberes e discursos de venda.

O espaço do corpo ambulante (e podemos refletir que todo corpo ambula, mas esse se difere porque se coloca nesta posição discursiva) é o espaço da feira de Arapiraca. Os vendedores e suas mercadorias espalham-se nas calçadas, tomando posições também da ordem dos discursos que se entrelaçam em suas relações de poder. Demonstram saberes sobre o tipo e a organização das mercadorias, que se espalham conforme sua natureza e conforme a atratividade que possuem.

Diferentemente dos feirantes fixos, que devem atrair os fregueses pelo trabalho e apelo de sua banca e de sua disponibilidade para apregoar a venda, os ambulantes chegam perto das pessoas e fazem dos seus corpos, banca de feira. Eles são vendedores e seus próprios chefes, tudo ao mesmo tempo. Decidem eles mesmos pelos preços, por ajustes de valores, por promoções. Decidem ali, na hora. Explicam as características dos produtos, sua funcionalidade e serventia para a vida cotidiana. Pessoas e produtos misturam-se e concorrem no mesmo espaço. E esses saberes são ditos verbalmente, mas em conjunto com o corpo que se faz linguagem, aproximando-se, apontando, gesticulando, encenando, experimentando, empoderando, elogiando.

Para falar das feiras, é necessário tratar da relação que se estabelece entre os sujeitos que a fazem e seus saberes. Foucault traz uma reflexão importante voltada para a abordagem de um dispositivo de poder que produz efeito sobre os sujeitos. O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles (FOUCAULT, 1979, p. 246).

No contexto das feiras, vejo o dispositivo como a tática da sociedade que fortalece saberes sobre os modos de vender como ideais e legítimos para o bem da economia da cidade. O ambulante é aquele, então, que está sempre de passagem, em curvas pelas cidades. Nestes meios de caminho, o feirante que ambula, lê e interpreta mundos, pessoas, constrói representações, submete-se a estratégias e as enfrenta, usando táticas diversas (DE CERTEAU, 2008).

O corpo do ambulante é um corpo que passa, mas que parece dar força à imagem aparentemente estática dos demais feirantes que se colocam numa posição

de quem tem a posse de um espaço de venda. O corpo do vendedor de vassouras é um corpo que se esconde por trás da mercadoria que parece ter mais importância e concorrer com o corpo que anda e a sustenta, ou é sustentado por ela. Corpo e mercadoria parecem se fundir.

Corpo e mercadoria assumem posições, se entrelaçam, se confundem, não são de um indivíduo apenas. Corpo e mercadoria mostram uma relação de venda e de parceria. Os modos de usar o espaço urbano para vender variam, assim como os modos de apresentação do corpo diante do outro que passa. Destaca-se a condição de venda do vendedor que não tem um espaço eleito para realização do seu ofício e por isso mesmo, em contraposição com a alegria das cores do que expõe como mercadoria. Há, no cotidiano de quem vende, um embate de saberes. Ocorre uma junção de conhecimentos do mundo, muitos deles já legitimados, de saberes sobre venda com conhecimentos do mundo já reconhecidos como os saberes singulares dos feirantes de rua.

Se o movimento dos ambulantes já nos insinua a necessidade de rever modos de planejar os espaços urbanos, compreendo que outro aspecto dessa dinâmica precisa ser trazido à tona: a dificuldade do campo da arquitetura e do urbanismo de lidar com o planejamento “em aberto”. A feira é iminentemente um espaço de apropriações constantes, nas quais os feirantes estabelecem relações espaciais, mudanças, adaptações, tanto para garantir a funcionalidade quanto para tornar o espaço mais atraente e personalizado.

No primeiro sentido, a feira parece não caber no saber convencional do arquiteto e urbanista pelo fato do saber da feira ser um saber do miúdo, do cotidiano, muitas vezes distantes da prática profissional. É o feirante que sabe que num determinado horário bate sol em sua barraca e que ele precisa ter uma tática pronta para evitar que o produto estrague ou, ao contrário, usar o sol para que a fruta amadureça ou exale cheiro. Usualmente, quando se fala em projetar para a feira, se fala em uniformizar, homogeneizar. Se reclama do aspecto caótico, da bagunça, ainda que o problema mais sentido pelos feirantes seja outro, mais ligado às precariedades do que a uma possível uniformidade das bancas. Até porque, sendo a feira feita de barracas de madeira montadas quase da mesma maneira, há uma certa unidade de base.

A este ponto, considerado o que já foi dito sobre o espaço movente e as transformações do espaço da feira, acredito que o processo de renovação do espaço

urbano merece ser falado. Para Coutinho (1998, p.14), a arquitetura é, de todas as artes, a única efetivamente sujeita a prejuízos e danos decorrentes da necessidade de se atender a “reclamos de sua própria prática”. Penso que dentre estes “reclamos”, o que mais se sobressai dentro do processo que constrói a renovação das cidades, caso de Arapiraca que anseia por uma “modernização de fachada” é a substituição da arquitetura existente por arquiteturas representativas de uma infeliz realidade social e política. Essa realidade me permite olhar para duas situações. A primeira delas vem com a especulação imobiliária que alimenta uma produção quantitativa de edificações que atendam a demanda de um mercado viciado em regras excludentes e acumulativas. Sobre esta, não me alongarei.

Outra, que consigo atrelar às situações vividas na feira, vem com a produção dos próprios arquitetos e urbanistas, que muitas vezes escamoteiam o lugar, a cultura e o contexto, como condicionantes da arquitetura. O resultado são obras sem a menor densidade histórica e muitas vezes descontextualizadas. Para Choay (2006), tal problema reside na falta de competência de edificar entendida como capacidade de construir dando sentido ao habitar humano e estruturando permanências quando se trata de intervir em áreas urbanas consolidadas ou em sítios históricos, para nem falar de espaços como os de feira, permanentemente impermanentes, moventes e fluidos. Quando falo desses lugares de trocas e movimento, falo de algo que vejo como tipicamente urbano.

Nessa leitura, as feiras não são apenas lugares de compra e venda de mercadorias, mas também, e significativamente, de contato humano, a ser analisado como um espaço público no qual relações de trocas não comerciais encontram-se associadas à produção de sentimentos de pertencimento, reciprocidade e identidade coletiva em seus frequentadores (SERVILHA e DOULA, 2009).

Pensando nas histórias das feiras, (ARAÚJO e BARBOSA, 2004, p. 2) reafirmam que esses espaços dispunham de uma importância que ultrapassava seu papel comercial. As feiras são espaços de trocas de experiências, negócios, conversas entre amigos e todo tipo de laço de sociabilidade. Observando o pressuposto histórico apontado por Araújo e Barbosa e a construção dos capítulos anteriores, é comum perceber que essa concepção histórica é mantida atualmente.

Existem nas cidades determinados espaços privilegiados, carregados de simbolismo e de centralidade no que diz respeito à organização e à representação da vida pública. Estes espaços não são permanentes: acompanham a vida e a evolução da cidade, sua dinâmica social e sua

organização espacial – diríamos até que acompanham sua própria identidade. (GOMES apud SERVILHA e DOULA, 2001, p. 98)

As feiras são analisadas como um espaço de construção cultural e social. Esses espaços públicos são diferentes e abarcam uma ‘singularidade coletiva’ no que concerne à linguagem, sendo fundamentais na construção de identidades não só de uma comunidade de prática, como também de uma cidade inteira. Em muitos momentos as feiras são o lugar de encontro entre o rural e o urbano, o passado e o presente, pessoas de diferentes realidades sociais estabelecendo, desta forma, relações interculturais (SERVILHA e DOULA, 2009).

SERVILHA e DOULA, (2009) destacam ainda as contribuições do historiador Braudel para os estudos das feiras livres:

Frequentadas em dias fixos, a feira é um natural centro da vida social. É nela que as pessoas se encontram, conversam, se intitulam, se insultam, passam das ameaças às vias de fato, é nela que nascem incidentes, depois processos reveladores de cumplicidades, é nela que ocorrem as pouco frequentes intervenções da ronda, espetaculares, é certo, mas também prudentes, é nela que circulam as novidades políticas e as outras. (BRAUDEL apud SERVILHA e DOULA, 1998, p.16).

Em minhas imersões pela feira, percebi sempre aquele emaranhado de vozes que se estabelecem nos horários em que o movimento é maior, ou seja, “o ruído das feiras chega distintamente aos nossos ouvidos”, (BRAUDEL apud SERVILHA e DOULA 1998, p. 12). Essa troca de informações entre os feirantes e os clientes ou entre passantes e ambulantes são cheias de conteúdos reveladores.

Austin enxergava a linguagem cotidiana como algo puramente rico, diversificado e repleto de significado, não obstante de outra teoria enraizada por Bakhtin sobre a comunicação ideológica, de que essa linguagem do dia a dia é extraordinariamente rica e importante. Austin acreditava que a linguagem simples poderia explicar fundamentos filosóficos complexos, ainda que para isso tivesse que aplicar a visão performática de linguagem como ação.

3.3. A necessidade de outras ferramentas metodológicas para o urbanista

Acredito que essa dissertação, para além de falar da Feira e das feiras, fala do que aprendi enquanto arquiteta e urbanista a partir da feira que vivi e vivo transitando entre as três figuras que levantei no início: o feirante, o freguês e o passante. Como nunca tive a intenção de esgotar uma compreensão da feira de Arapiraca total,

acredito que esse segundo aspecto, o que aprendi, tem muito a dizer no fechamento deste trabalho. Posso falar do que não aprendi enquanto me tornei arquiteta e acredito que um pouco já falei. Senti falta de ferramentas para pensar a memória além da permanência, a imaterialidade dos espaços da cidade. Não aprendi a planejar uma feira, nem tampouco qualquer espacialidade que se apresente enquanto movente, não fixa, mas ao mesmo tempo constante e enraizada no contexto urbano. Não aprendi a pensar o corpo ambulante como banca de feira que se move. As feiras podem ser lidas à luz de teorias que visem, unicamente, o aprofundamento de estatísticas e dados econômicos. Este trabalho, entretanto, ainda que sem definições, determinações ou diretrizes, traz outras possibilidades.

Não tenho fôlego nem caberia nesta dissertação a construção ou prescrição de um método para compreender e menos ainda para planejar uma feira livre. Mas pretendo fechar esse capítulo descrevendo e salientando modos de aproximação que me ajudaram a ver as feiras na Feira e que podem apontar caminhos para aproximar a cidade de seus planejadores institucionais (sim, porque a feira se planeja sozinha também, todos os dias). Parto do ponto levantado através de meu olhar sobre as ações sobre as feiras, de que:

As intervenções contemporâneas sobre os territórios culturais, as que são planejadas (ao contrário das ruses e apropriações inesperadas do espaço urbano) parecem cada vez mais desprovidas de corporalidade ou sem consistência (JEUDY; JACQUES, 2006, p. 9).

Em primeiro lugar, compreendo a importância de falar de um arquiteto e urbanista encarnado, contextualizado e aproximado das questões fundamentais dos espaços que “planeja/projeta”. Nesta dissertação isso se deu em dois caminhos incômodos para uma reflexão acadêmica. O primeiro foi a escrita em primeira pessoa marcada por relatos autobiográficos, que é comum em trabalhos autoetnográficos da antropologia cultural, mas ainda é olhada de maneira atravessada no campo da arquitetura e do urbanismo, que prevê métodos e análises pretensamente universais. O segundo foi a disponibilização do corpo-arquiteto-urbanista como dispositivo metodológico de interpretação dos lugares urbanos. Esse processo é um pouco mais disseminado no campo, inclusive no caso do PPGAU-UFAU há disciplinas em torno da dimensão sensível e do corpo como espaço habitado, mas muito difícil de pôr em prática.

Outro caminho fundamental a ser enfatizado é a necessidade de aproximação com as pessoas que vivem o lugar de maneira cotidiana. Consigo enxergar aí alguns processos importantes, sendo que alguns deles já fazem parte das práticas urbanísticas, ainda que de maneira limitada. O primeiro diz respeito a uma aproximação alongada com os lugares, que permita ao arquiteto e urbanista ir aos poucos se familiarizando com a realidade que observa. No caso deste trabalho isso se deu tanto pela minha realidade específica de pertencer a uma família de feirantes quanto nas observações constantes e quase cotidianas da feira a tal ponto de ser difícil precisar (como se espera num trabalho de dissertação) quantas idas a campo foram realizadas.

Outra dimensão é a da escuta daqueles que vivem o espaço em seu cotidiano. No trabalho essa foi uma tarefa dificultada pela pandemia, mas acredito ainda assim que ela poderia trazer ainda mais recursos para olhar e compreender o espaço de feira. Compreendo que é muito difícil construir ferramentas que sejam efetivas para este fim. No trabalho tentei a abordagem mais solta, de conversas fluidas e não de questionários e entrevistas. Pensei ser essa uma modalidade de aproximação afetiva mais tranquila, principalmente nas condições em que o trabalho se fez, em plena pandemia. Mas vejo que poderia ter aprofundado algumas questões se tivesse retornado com questões estruturadas num questionário semiaberto, que poderia me dar conteúdos a cruzar entre entrevistados. Por outro lado, a modalidade mais fechada tende a produzir respostas prontas que não me moveriam no trabalho.

Por fim, me parece ser necessário aprender com espaços fluidos como as feiras outros repertórios espaciais-projetuais: o desmontável, o movente, o cheiroso, o ambulante. Talvez a inversão proposta por Calvino possa apresentar olhares novos para as cidades, cidades na qual a feira é fixa em sua mutabilidade ou movente em sua permanência.

A cidade de Sofrônia é composta de duas meias cidades. Na primeira, encontra-se a grande montanha-russa de ladeiras vertiginosas, o carrossel de raios formados por correntes, a roda-gigante com cabinas giratórias, o globo da morte com motociclistas amarrados no meio. A segunda meia cidade é de pedra e mármore e cimento, com o banco, as fábricas, os palácios, o matadouro, a escola e todo o resto. Uma das meias cidades é fixa, a outra é provisória e, quando termina a sua temporada, é desparafusada, desmontada e levada embora, transferida para os terrenos baldios de outra meia cidade. Assim, todos os anos chega o dia em que os pedreiros destacam os frontões de mármore, desmoronam os muros de pedra, os pilares de cimento, desmontam o ministério, o monumento, as docas, a refinaria de petróleo, o hospital, carregam os guinchos para seguir de praça em praça o itinerário de todos os anos. Permanece a meia Sofrônia dos tiros ao alvo e dos carrosséis,

com o grito suspenso do trenzinho da montanha-russa de ponta-cabeça, e começa-se a contar quantos meses, quantos dias se deverão esperar até que a caravana retorne e a vida inteira recomece. (CALVINO, 2001, p. 61)

Cidades em que se aprenda a fazer arquitetura e urbanismo com feirantes, fregueses e passantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A minha história tem muito da feira de Arapiraca. Essa feira onde pessoas gritam, andam por todos os lados, compram, vendem e se relacionam. Os sons, as cores e os cheiros fazem parte da minha vida, das minhas memórias e da forma como leio o mundo. Quando me relaciono com pessoas, quando compro algo ou nos momentos em que vendi, muito do que vivi na feira estava ali. Me lembro com enorme carinho dos momentos em família, em reuniões na casa da minha avó, com minhas tias e tios reunidos e do assunto feira. Sempre era motivo de estender a conversa, tomar mais um café e ouvir as histórias que eles haviam vivido no espaço da feira.

A construção deste trabalho se deu dentro do período da Pandemia de Covid-19 que, em 11 de março de 2020 foi decretada, mesmo mês em que se iniciariam as aulas do Mestrado. O trabalho aprovado no processo seletivo muito se modificou. Dentre outras motivações, novas visões e ajustes, a pandemia teve forte influência na transformação contínua do trabalho. Ela dificultou, imprimiu necessidades constantes de readequações, rearranjos e estratégias para a realização da pesquisa. A impossibilidade de estar na feira foi a maior das implicações – e a nascente de muitas angústias. Me coloquei diante de uma frustração amarga, que, aliada à onda de ansiedade do isolamento que o momento pedia, muitas vezes me paralisou. Foram muitas pausas e recomeços até que esta dissertação se construísse – e acredito que ela esteja longe de estar perfeitamente acabada. E acredito que seria injusta a pretensão de dar por encerrado o assunto.

E, falando de assunto, de conversa, de prosa, muitas, das boas, acontecem entre os corredores da feira. A sua grande maioria de modo aberto, permitindo participações especiais. A feira é um espaço sonoro, cheio de vozes, barulhos de carrinhos de mão, cantorias e anúncios de promoções. Ao longo deste trabalho, muitas memórias me encontraram e se materializaram nas imagens, rabiscos e trocas que tive com meus familiares.

No caminho ao qual me propus caminhar, escrevendo este trabalho, não tive a pretensão de pender meu olhar para uma romantização das dores, desconfortos e dificuldades enfrentadas por quem vivencia o espaço da feira. O trabalho pretendeu, justamente, falar das feiras dentro da Feira para contribuir com uma reflexão sobre seus espaços e a maneira como poderiam, em alguma medida, serem também menos dolorosos.

Comecei esta caminhada trazendo relatos e percepções da minha experiência corporal pela feira, trazendo também memórias da relação que construímos, eu e ela(s), desde a minha infância, falando de experiências e observações enquanto compradora, passante e também enquanto neta, filha, sobrinha de feirantes. Eu quis caminhar – e aqui falo da trajetória percorrida para a produção desta dissertação – reforçando nós que não podem ser desfeitos e ao mesmo tempo me desprendendo de amarras da minha formação enquanto arquiteta e urbanista, categórica, planilhada, rígida.

Tal qual a minha relação com a feira, seu espaço é movente, fluido, vivo, nunca é igual de uma semana para a outra. Ainda que as delimitações das ruas existam, sempre há algum ajuste novo a observar. À medida em que esse trabalho foi construído, meu pensamento relembrou ao corpo os movimentos que sempre fiz ao caminhar pela feira. Foi um exercício interessante esse de trazer para a escrita as sensações que vivi no espaço da feira. Meu corpo dançou ali.

Vejo a cidade ultrapassando as limitações de ser cenário e se tornando campo de experiências a partir do momento em que me permito vivê-la. E foi na feira que conseguir construir um campo de afetos, singularidades, percepções da cidade antes não consideradas.

Continuei minha trajetória de escrita desta dissertação falando da Feira e de sua história oficial como pano de fundo para a feira do dia a dia, das gambiarras e acordos internos. Vejo esta contribuição como fina, valiosa e algo que me norteou para a sequência da produção acadêmica. Trazer a história da Feira de Arapiraca dentro do contexto de crescente desenvolvimento econômico - o que implicou, em 2001, na remoção e reinserção da feira em outro bairro da cidade e em sua diminuição – acaba por trazer sentido a muitas percepções, realidades, observações, como é o caso do encerramento do ofício de minha avó, que parou de “dar feira” após esta mudança, por conta dos desencontros que uma remoção de algo tão grandioso podem ocasionar.

Trazer a história da Feira me ajudou a entender muitos dos impactos que surgem, através de reordenamentos, ajustes e “organizações” advindas do poder público, interferências estas que, em diversos momentos, não consideram a cotidianidade e a vivência de quem faz a feira acontecer. Lendo a Feira, comecei a pensar nas histórias das feiras que vão além da Feira que está nos mapas oficiais, que é regada e gerida pelo poder público municipal.

A feira é um espaço democrático. Nela, está quem vende, quem compra pouco, quem compra muito, quem pode comprar caro e quem precisa pechinchar muito. Nela estão três figuras que me ajudaram a entendê-la e as quais eu trouxe para este trabalho: o feirante, o freguês e o passante. Eu, enquanto neta e filha de feirantes, já me senti vivenciando estes três lugares e através deles construí as reflexões que ancoraram esta dissertação.

A construção deste trabalho, com os verbos caminhar, perceber, parar, experienciar me permitiu pensar de forma não resolutiva, excluindo a ideia de infinitude. Nunca se tratou da caminhada, com ponto de chegada, mas do caminhar. Do movimento, da efemeridade dos espaços que compõem a feira e da mesma efemeridade das minhas sensações. Caminhar representou o mergulho que realizei neste espaço da feira de Arapiraca. Meu mergulho dentro de um espaço que, desde a minha infância, me parece tão meu, tão familiar, tão tátil.

Ao longo de todo o período de construção deste trabalho, excluindo o período da Pandemia de Covid-19, caminhei pela feira, entrei e saí, cansei, suei, me permiti horas dentro do espaço para observá-lo de dentro. Percebi, fiz uma série de pausas. Olhei para trás, retornei e recomecei muitas vezes a rota. Perceber e parar estão intrinsecamente ligados. Me lembro que a cada nova percepção, ainda que caminhando, tomava à mão o celular para registrar, ainda que em áudio, aquele novo traço percebido. Experienciar, ao que sinto, contempla os outros verbos e vai além: contempla o sentir, o vibrar, o arrepiar, calar, desviar. A experiência, passo a passo, norteou o meu caminhar, observar, sentir, parar, buscar, retornar, sorrir ou relutar.

Ao longo de todo o período de escrita deste trabalho, me encontrei em necessidade de pausas. Fui e voltei em lembranças. Falei muito com minha mãe sobre trechos, lembranças, dúvidas, curiosidades. Sinto que as pausas aparecem no texto, frutos dos momentos nos quais me apeguei à história, aos dados e notícias da feira e deixei minhas memórias e encantamentos um pouco à parte. Acredito que faça parte desta dissertação trazer os bastidores à luz.

Fechei a trajetória deste fazendo uma reflexão sobre como a multiplicidade de expressões e vivências na feira livre me forçou a pensar a questão de como se criam espaços públicos nas malhas das cidades contemporâneas e como só é possível vivenciar um espaço público efetivo quando a cidade é tomada em sua força, sua expressão, que pouco tem a ver com as práticas de interferências e ordenamentos impostos que são frequentes nos planos urbanos. Pensei em mim, enquanto

arquiteta, nas minhas limitações e dificuldades. Pensei nas ferramentas que faltam aos planejadores para pensar espaços vivos como as feiras.

O trabalho me permitiu entender melhor a espacialidade da feira através da experiência, mas não apenas no intuito de pensar a própria feira, e sim dentro da ideia de pensar o quanto essa experiência incorporada pode abrir espaço para refletir sobre a cidade e suas práticas cotidianas, para além do que aparece nos mapas oficiais.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão e BARBOSA, Letícia Rameh. **Feira, lugar de cultura e educação popular**. In: Revista “Nova Atenas” de Educação Tecnológica. Volume 07, Número 02, jul/dez/2004. Disponível em:

<www.paulofreire.org.br/pdf/comunicacoes_orais>. Acesso em: 29 maio 2007.

BRAUDEL, Fernand. *O jogo das trocas. Civilização material, economia e capitalismo: século XV-XVIII*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. In: O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. 2003.

BAKHTIN, Mikhaïl Mikhaïlovitch; VIEIRA, Yara Frateschi. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1987.

CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades: ensaios e etnografias**. FGV Editora, 2007.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Editora Companhia das Letras, 1990.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Studio Nobel, p. 99-121, 1997.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**. Lulu. com, 2018.

CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o estado (artigo). **Tradução: Theo Santiago. Data da digitalização**, 2004.

DA ROCHA, Ana Luiza Carvalho. A terra e os seus filhos monstruosos: a gestão da cidade sob os trópicos. **ILUMINURAS**, v. 9, n. 19, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Bloomsbury Publishing, 1988.

DEWAR, D.; WATSON, Vanessa; HOWES, C. An overview of development problems in the Cape Town metropolitan area. **The Urban Problems Research Unit, University of Cape Town**, 1990.

GUEDES, Zezito. **Arapiraca através do Tempo**. Maceió: Gráfica Montergraphy Ltda, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Lauren Léon Schaffter. São Paulo/Vértice Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

HAQUE, Usman. **The choreography of sensations: Three case studies of responsive environment interfaces**. 2004. Disponível em <www.haque.co.uk/choreography-of-sensations.pdf> Acesso em 30 de outubro de 2021.

IBGE, Censo. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE. 2000.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. **Vitruvius. Arqtextos** , v. 8, 2008.

JEUDY, Henri Pierre e JACQUES, Paola Berenstein (org). **Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais**. Salvador: EDUFBA ; PPG-AU/FAUFBA, 2006.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de ciências sociais** , v. 17, p. 29 de novembro de 2002.

MIRANDA, José Luiz. **A invenção do cotidiano**, Michel de Certeau. Linha D'Água, n. 8, p. 31-45, 2008.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil**. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1968.

TAVARES, Gonçalo M. **Atlas do Corpo e da Imaginação: teorias, fragmentos e imagens**. Leya, 2013.